

Temas Económicos

Número 30

Janeiro de 2015

Comércio bilateral entre os membros do Fórum Macau de 2003 a 2013

Ana Rita Fortunato

Resumo

A criação do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (PLP), em 2003, veio dar um novo alento às relações bilaterais entre os seus intervenientes.

O presente estudo explora as relações comerciais entre os parceiros deste mecanismo para o período 2003-2013, recorrendo a três óticas distintas: a ótica da China, enquanto criadora do Fórum; a ótica de Macau, enquanto plataforma de ligação entre China e os PLP; e a ótica de Portugal, enquanto ex-soberano sobre os territórios que hoje se designam por Países de Língua Portuguesa.

O interesse chinês face a cada um dos parceiros lusófonos é distinto e está bem patente nas trocas comerciais efetuadas no período estudado. Pequim tem usado o mecanismo sino-lusófono para se aproximar de países ricos em recursos e que se encontram em franca expansão, tais como Brasil e Angola. Macau tem tido um papel simbólico mas importante na prossecução deste objetivo. As características lusófonas desta Região Administrativa Especial têm sido instrumentalizadas pela política externa chinesa como porta para os países de língua portuguesa. Este processo poderá proporcionar a Macau uma diversificação da economia e a reaproximação ao antigo império colonial português, do qual fez parte.

No que concerne a Portugal, a análise efetuada aponta para um ligeiro aumento do comércio bilateral com alguns membros do Fórum, com especial destaque para Angola e China.

^a Estagiária PEPAC.

Índice

1. Introdução	2
2. As relações sino-lusófonas	3
2.1. O interesse da China pelos Países de Língua Portuguesa.....	3
2.2. O papel de Macau nas relações sino-lusófonas	4
3. O Fórum Macau e os seus membros	5
3.1. O Fórum Macau	5
3.2. Os membros: alguns indicadores macroeconómicos.....	6
3.3. Balanças comerciais entre os membros do Fórum e o Mundo	7
4. Comércio bilateral no Fórum Macau: óticas da China, de Macau e de Portugal	10
4.1. Comércio de mercadorias da China face aos parceiros do Fórum	10
4.2. Comércio de mercadorias de Macau face aos membros do Fórum.....	18
4.3. Comércio de mercadorias de Portugal face aos parceiros do Fórum	21
5. Conclusão	31
Referências bibliográficas	34
Anexo I – Grupos de Produtos	36

1. INTRODUÇÃO:

O ano de 2013 foi carregado de simbolismo para as relações sino-lusófonas. Neste ano, completaram-se quinhentos anos da chegada dos navegadores portugueses a território chinês, mais propriamente a Macau, e dez anos de existência do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa.

Como é perceptível pelas datas mencionadas, as relações com Lisboa são das mais antigas da esfera de contacto entre a China e os países de expressão portuguesa, pelo menos em termos históricos. Em termos formais, as relações diplomáticas com a China datam apenas de 1979. Além de Portugal, Pequim mantém relações diplomáticas com mais seis das oito nações lusófonas: Angola (1983), Brasil (séc. XIX-1949;1974), Cabo Verde (1976), Guiné-Bissau (1974-1990;1998), Moçambique (1975) e Timor-Leste (2002). São Tomé e Príncipe é exceção, dado que mantém laços diplomáticos com Taiwan.

Contudo, as relações entre a República Popular da China e os países mencionados vão além da esfera diplomática. O crescimento económico intenso apresentado pela China, de há 30 anos a esta parte, colocou-a entre as mais importantes potências mundiais dos tempos que correm. Todavia, este crescimento implica uma necessidade imediata e em grande escala de recursos naturais e energéticos, os quais Pequim não possui. Para colmatar esta carência, a RPC tem direcionado a sua política externa para países ou regiões ricas em matérias-primas e energias fósseis, como é o caso dos países de expressão portuguesa, recorrendo para isso à criação de mecanismos cooperativos e discursos de benefício mútuo para todas as partes envolvidas.

Foi nesta linha de ação que Pequim criou o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (PLP). Vulgarmente designado por Fórum Macau, este mecanismo cooperativo baseia-se nas características distintivas de Macau e na forma como as mesmas podem ser usadas como ponte para um acesso privilegiado às economias do quadro lusófono.

O governo chinês insiste na premissa de que a sua aproximação aos lusófonos se resume à sua qualidade de parceiro no auxílio ao desenvolvimento dos mesmos – um plano de longo prazo de benefícios mútuos. Por outro lado, alguns autores² vêem esta “amizade” apenas como um interesse imediato em recursos naturais e energéticos, que a longo prazo será prejudicial aos países de expressão portuguesa, ou mesmo como um plano engenhoso que culminará na neocolonização de alguns países lusófonos, nomeadamente os que se encontram no continente africano.

Passados dez anos desde a criação do Fórum, é altura de fazer um “balanço” do que têm sido as relações comerciais entre os seus membros. É precisamente sobre este tema que versa o presente estudo. As trocas comerciais de mercadorias dos membros do Fórum serão analisadas com base em três óticas distintas: a ótica da China, enquanto criadora do Fórum; a ótica de Macau, enquanto plataforma de ligação entre China e os PLP; e a ótica de Portugal, enquanto ex-soberano sobre os territórios que hoje se designam por Países de Língua Portuguesa.

A análise divide-se em cinco pontos. O primeiro introduz o tema, o segundo explora as relações sino-lusófonas do ponto de vista do interesse de Pequim nestes países e do papel de Macau neste contexto. No ponto três é feita uma breve exposição do Fórum Macau, seguida da análise de alguns indicadores macroeconómicos dos países intervenientes e da balança comercial dos mesmos face ao Mundo. O quarto ponto aborda o comércio bilateral de mercadorias entre as economias que compõem o Fórum, para o período que vai de 2003 a 2013. No quinto e último ponto são tecidas algumas conclusões e observações finais.

² Alden, C. (2007), “China in Africa”, citado por Rodrigues, H.
Chichava, S. (2008), “Mozambique and China: from politics to business?”.
Horta, L. (2008), “China’s relations with Mozambique: a mixed blessing”.

2. AS RELAÇÕES SINO-LUSÓFONAS

2.1. O INTERESSE DA CHINA PELOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

A República Popular da China (RPC) tem procurado aprofundar e fortalecer relações bilaterais e multilaterais a nível mundial. Neste sentido, Pequim tem vindo a modificar a abordagem da sua política externa, na aproximação a países ou grupos de países nos quais tem interesse. A aproximação de cariz ideológico do passado deu lugar a uma aproximação baseada nos conceitos de paz e desenvolvimento, direcionada essencialmente para fomentar laços com países descolonizados. Esta nova dimensão da política externa chinesa assenta na doutrina dos Cinco Princípios da Coexistência Pacífica, formulados por Chu En-Lai³: respeito mútuo pela soberania e integridade nacional, não-agressão, não ingerência nos assuntos internos de um país, igualdade e benefícios mútuos, e coexistência pacífica entre Estados com sistemas sociais e ideológicos diferentes.

Esta persuasão dos parceiros comerciais, através de uma retórica de benefícios mútuos para as partes envolvidas, tem três objetivos essenciais: promover o desenvolvimento económico e social de Pequim; enfraquecer as teorias que veem a emancipação da China como uma ameaça internacional, permitindo-lhe ser reconhecida como grande potência “amiga” e responsável; e conter potenciais poderes hostis que possam travar o seu desenvolvimento.

Este tipo de comportamento tem possibilitado à China criar redes de comunicação com grupos selecionados de países nos quais possui interesses económicos ou políticos.

Também os países de expressão portuguesa foram alvo desta abordagem por parte da República Popular da China, nomeadamente devido à sua condição de países descolonizados.

Existem vários motivos que sustentam o interesse chinês nos PLP e vice-versa. O desenvolvimento levado a cabo pela China nas últimas três décadas implica uma disponibilidade imediata e em grande escala de recursos naturais e energéticos, recursos que Pequim não possuiu em quantidade suficiente para fazer face às suas necessidades. Por outro lado, países como os de expressão portuguesa necessitam de financiamento para construir, reconstruir ou melhorar as suas infraestruturas e para fomentar o seu desenvolvimento pós-independência. Esta coincidência de vontades tem aguçado a procura, de parte a parte, em aprofundar e fortalecer as relações bilaterais existentes.

Os países lusófonos detêm um lugar de destaque na política externa chinesa, sendo que a sua relevância varia essencialmente consoante a sua maior ou menor dotação em recursos. Nesse sentido, os PLP que se encontram na América Latina (Brasil) e na África (Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau e Moçambique) são à partida os mais relevantes para Pequim.

Além da riqueza em combustíveis fósseis e recursos naturais, como metais e minérios, as nações lusófonas possuem outras valências nas quais Pequim tem todo o interesse. Dispersos por quatro continentes, estes países beneficiam de localizações geopolíticas estratégicas, partilham o mesmo passado – formalmente todas fizeram parte do império colonial português – e a mesma língua – o português. Diferentes no tamanho, na economia, e na cultura, todos juntos representam um mercado de destino com mais de 260 milhões de pessoas, ideal para o escoamento dos produtos das indústrias chinesas.

Os países de expressão portuguesa podem também funcionar como “laboratórios” para a internacionalização de empresas públicas e privadas da China, fornecendo-lhes a primeira experiência internacional; ajudar a incrementar o poder e o perfil da China em vários organismos internacionais e mecanismos cooperativos, através do envolvimento cada vez maior deste país asiático no

³ Primeiro chefe de governo da República Popular da China, após a sua criação em 1949.

desenvolvimento dos países lusófonos que se encontram em maiores dificuldades; funcionar como porta de acesso a blocos regionais importantes como América do Sul, África, Ásia e Europa (União Europeia mais precisamente), nos quais os PLP se encontram inseridos; ser exemplo do sucesso da construção de “uma só China”, de modo a persuadir Taiwan a juntar-se à China Continental; e permitir o acesso facilitado de Pequim a outras regiões com as quais os PLP estão associados (Guiné-Equatorial, Galiza, Goa, Damão e Diu).

Além das relações diplomáticas estabelecidas no passado com sete dos oito países lusófonos, Pequim viria, em 1999, a beneficiar de um novo trunfo nas relações externas que detém com os mesmos – o retorno de Macau à soberania chinesa. Este pequeno enclave do Oriente partilha com os restantes países do quadro lusófono o estatuto de ex-colónia portuguesa e o português enquanto língua oficial (a par com outras línguas e dialetos em alguns casos). O fim da soberania portuguesa sobre este território e a sua integração na mãe-pátria chinesa coloca-o num lugar de destaque na política de comércio externo de Pequim enquanto ponte entre esta economia asiática e os países de língua portuguesa.

2.2. O PAPEL DE MACAU NAS RELAÇÕES SINO-LUSÓFONAS

Macau foi descoberto pelos navegadores portugueses em 1513. Este pequeno território sul-asiático foi o primeiro entreposto entre a Europa e a China, e uma importante porta de acesso para a entrada da civilização ocidental na China e vice-versa. Desta forma contribuiu para o contacto, intercâmbio e simbiose destas duas culturas tão distintas.

Após quase cinco séculos de domínio português, e nos termos da Declaração Conjunta Sino-Portuguesa assinada em 1987, Macau voltaria à soberania chinesa a 20 de dezembro de 1999, tornando-se numa Região Administrativa Especial (RAE), tal como acontecera com Hong Kong.

O legado deixado pela passagem portuguesa em Macau manifesta-se, ainda hoje, a nível do património cultural e arquitetónico, do sistema jurídico (semelhante ao do continente europeu) e da língua portuguesa. Tem havido, por parte da China, um cuidado especial em preservar o passado lusófono da RAEM. Como é prática habitual de Pequim, estes traços característicos de Macau têm sido traduzidos na obtenção de benefícios políticos e económicos, no plano doméstico e internacional.

A afinidade entre a RAEM e as ex-colónias portuguesas confere-lhe um papel simbólico mas importante na política externa de Pequim, funcionando como plataforma de ligação sino-lusófona. Com este procedimento, a China evita o reconhecimento de Taiwan e garante aliados em organizações internacionais como a ONU.

Ainda que o principal proveito da exploração de Macau, como plataforma giratória para estreitar relações com os PLP, seja auferido por Pequim, a RAEM também pode retirar alguns dividendos deste processo. Ao funcionar como intermediário das relações sino-lusófonas, Macau reforça a sua identidade face a outras regiões e províncias chinesas, reinventa o seu perfil no contexto internacional e diversifica a sua economia excessivamente dependente do setor do jogo.

Dotado de um elevado grau de autonomia, conferido pelo estatuto de Região Administrativa Especial e pela Lei Básica, Macau funciona como “braço armado” da China para as relações externas. A principal habilidade que lhe é reconhecida é precisamente a de aproximação privilegiada aos Países de Língua Oficial Portuguesa.

Foi com base nestes trâmites que a República Popular da China propôs, em 2003, a criação do conhecido Fórum Macau.

3. O FÓRUM MACAU E OS SEUS MEMBROS

3.1. O FÓRUM MACAU

Os países de expressão portuguesa possuem eles próprios um mecanismo multilateral - a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) - com o qual a China poderia eventualmente ter estabelecido uma espécie de “parceria”. Contudo, além de Pequim não manter atualmente relações com São Tomé e Príncipe, que é membro da CPLP, era muito mais vantajoso, em termos económicos e de imagem, que um mecanismo direcionado para as relações sino-lusófonas partisse da iniciativa chinesa.

Posto isto, em outubro de 2003, foi criado, sob a alçada do Ministério do Comércio em Pequim, o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Este mecanismo é muitas vezes apelidado resumidamente de Fórum Macau, dado que o seu Secretariado Permanente se encontra sediado em Macau. São membros a República Popular da China e sete das oito nações lusófonas: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste. Este é mais um exemplo da nova abordagem de Pequim às suas relações externas, alicerçada no cooperativismo, multilateralismo e no benefício mútuo de todos os intervenientes.

Os principais objetivos do Fórum Macau são “reforçar a cooperação e o intercâmbio económico entre a República Popular da China e os Países de Língua Portuguesa, dinamizar o papel de Macau como plataforma de ligação a esses países e promover o desenvolvimento dos laços entre a República Popular da China, Macau e os Países de Língua Portuguesa”⁴.

O Secretariado Geral do Fórum é composto por um Secretário-geral, nomeado pela República Popular da China, três Secretários-gerais Adjuntos (um nomeado pelos PLP de forma rotativa e por ordem alfabética, outro designado por Pequim e outro nomeado pela RAEM) e um delegado de cada um dos Países de Língua Portuguesa que integra o Fórum.

Este é o principal órgão de gestão do organismo cooperativo sino-lusófono e são seus deveres: organizar os trabalhos preparatórios das sessões do Fórum, acompanhar a execução de decisões tomadas no seio do Fórum, informar os países membros sobre o grau de implementação das decisões, estabelecer a ligação entre os países intervenientes, ocupar-se dos assuntos correntes da organização, e por último, garantir o apoio financeiro e logístico necessário à execução das ações acordadas pelos membros. Os mandatos do Secretariado Permanente têm uma duração máxima de três anos após a sua aprovação.

O Secretariado conta ainda com o auxílio de três gabinetes: Gabinete de Administração, Gabinete de Apoio e Gabinete de Ligação. O Gabinete de Administração é responsável pelo vínculo entre os vários intervenientes do Fórum e é composto por funcionários do Ministério do Comércio de Pequim, sob a coordenação do Secretário-geral Adjunto nomeado pela China. O Gabinete de Apoio é composto por funcionários da RAEM sob a coordenação do Secretário-geral Adjunto nomeado por Macau e a sua principal responsabilidade reside na prestação do devido apoio financeiro, administrativo e logístico ao Secretariado Permanente. Por seu turno, ao Gabinete de Ligação, composto pelos delegados dos Países de Língua Portuguesa, coordenados pelo Secretário-geral Adjunto eleito em regime de rotatividade pelos PLP, competem os contactos dos participantes relacionados com trabalhos e assuntos desenvolvidos no âmbito do Fórum.

Também as Conferências Ministeriais realizadas ao abrigo do Fórum têm lugar em Macau, com uma periodicidade trianual, salvo casos especiais. A primeira Conferência Ministerial realizou-se em outubro de 2003, a segunda e terceira Conferências Ministeriais efetuaram-se em setembro de 2006 e novembro de 2010, respetivamente. Esta última foge à periodicidade estipulada inicialmente. O principal motivo imputado ao adiamento desta conferência foi o impasse resultante da morte, em julho de 2008, do antigo

⁴ In Fórum Macau, disponível em <http://www.forumchinapl.org.mo/pt/aboutus.php>

Secretário-geral Zhao Chuang, quatro meses após ter tomado posse, e que apenas foi substituído formalmente em 19 de novembro de 2009 por Chan Hexi. A quarta e última Conferência realizada até à data decorreu no passado mês de novembro de 2013.

A próxima Conferência está agendada para o final de 2016. Até lá, o Fórum pretende criar centros de cooperação com a Lusofonia, que irão abranger serviços para pequenas e médias empresas dos países de língua portuguesa.⁵

Além das Conferências, são efetuadas reuniões ordinárias com uma periodicidade anual, dirigidas e convocadas pelo Secretário-Geral, após consulta dos países membros do Fórum Macau.

Mesmo que este mecanismo não existisse, as relações entre a China e pelo menos grande parte dos países do quadro lusófono subsistiriam. A escassez de dados que permitam isolar a influência que o Fórum exerceu sobre as relações bilaterais e multilaterais entre os seus intervenientes, impossibilita uma análise sólida dessa mesma influência nas trocas comerciais realizadas.

Contudo, ainda que discutível, o papel do Fórum Macau na aproximação entre a China e os Países de Língua Portuguesa não deve ser menosprezado.

3.2. OS MEMBROS: ALGUNS INDICADORES MACROECONÓMICOS

A República Popular da China, uma das grandes potências mundiais dos tempos que correm, foi outrora uma economia fechada e virada para si própria. Na década de 70, os líderes políticos deste país abandonaram esta abordagem egocentrista e direcionaram a economia para o mercado, o que exigiu, e exige ainda, uma disponibilidade constante de recursos em larga escala para fomentar o crescimento e expansão. Nesta mesma década, a maioria das antigas colónias portuguesas, ricas em recursos naturais e energéticos, tinha conquistado a independência face a Portugal, e estava a braços com a falta de recursos monetários que lhe permitissem financiar o seu desenvolvimento. Estas duas necessidades, juntamente com a partilha da língua portuguesa pelos vários intervenientes e a existência de Macau como elo de ligação entre a China e as ex-colónias portuguesas, aproximou estas culturas e culminou, anos mais tarde, na criação de um mecanismo de cooperação ao qual se chamou Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau). Este mecanismo, que conta já com dez anos de existência (2003-2013), é composto por oito membros: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, Timor-Leste e República Popular da China.

O Quadro 1 sintetiza alguns indicadores que caracterizam cada uma destas economias, bem como a economia da Região Administrativa Especial de Macau.

⁵ PE Probe, <http://www.peprobe.com/pt-pt/new/prchina-forum-macau-como-ponta-de-lanca-da-china-na-lusofonia>

Quadro 1 – Alguns indicadores dos países do Fórum e da RAEM

País	Área terrestre	População estimada (jul 2014)	PIB estimado 2013 (PPC)	PIB per capita 2013 (PPP)	PIB por setor de origem - % (estimativa para 2013)			Taxa de Inflação 2013
	km ²	mil hab.	10 ⁹ USD	USD	Agric.	Ind.	Serv.	%
Angola	1 246 700	19 088	131,8	6 300	10,2*	61,4*	28,4*	8,9
Brasil	8 459 417	202 657	2 422,0	12 100	5,5	26,4	68,1	6,2
Cabo Verde	4 033	539	2,2	4 400	9,3	18,8	71,9	1,9
Guiné-Bissau	28 120	1 693	2,0	1 200	58,0	13,5	28,5	1,9
Moçambique	786 380	24 692	28,2	1 200	28,7	24,9	46,4	4,4
Portugal	91 470	10 814	243,3	22 900	2,6	22,2	75,2	0,4
Timor-Leste	14 874	1 202	25,4	21 400	2,6	81,6	15,8	4,5
China	9 569 901	1 355 693	13 370,0	9 800	9,7	45,3	45,0	2,6
Macau	28**	588**	47,2	82 400*	0,0**	6,5**	93,5**	5,4

Fonte: A partir dos dados de base da CIA World Factbook 2013.

Nota: * Valor estimado para 2011;

** Valor estimado para 2012.

Como é perceptível pelos dados supracitados, este grupo de economias é bastante heterogéneo, seja a nível demográfico, geográfico ou económico.

Do elenco apresentado, a China destaca-se como o país que possui maior área terrestre, maior número de habitantes e maior Produto Interno Bruto, medido em Paridade de Poder de Compra. Macau, Cabo Verde e Guiné-Bissau são, respetivamente, os detentores da menor área, do menor número de habitantes e do menor PIB.

A distribuição do PIB, tendo em conta o setor de origem e o seu valor per capita, são também díspares para as várias economias mencionadas. A Região Administrativa Especial de Macau destaca-se em ambos os campos. Por um lado, o valor do PIB per capita desta região ascende a 82.400 dólares (cerca de 68 vezes maior que o mesmo indicador para Guiné-Bissau e Moçambique). Por outro lado, 93,5% do seu PIB tem origem no setor dos serviços, o que espelha a grande dependência económica de Macau relativamente ao setor do casino e do turismo. No extremo oposto encontra-se a Guiné-Bissau como detentora do valor menos expressivo do PIB per capita e do maior peso do setor agrícola no Produto Interno Bruto, o que não surpreende, uma vez que a economia legal deste país é baseada essencialmente na agricultura e nas pescas.

3.3. BALANÇAS COMERCIAIS ENTRE OS MEMBROS DO FÓRUM E O MUNDO

O quadro seguinte concerne às balanças comerciais de todos os membros do Fórum Macau face ao Mundo. Foi também incluída nesta análise a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) que, apesar de não ser membro independente do Fórum, é uma peça fundamental no contexto sino-lusófono. O período contemplado vai de 2002 a 2012, uma vez que não existiam dados disponíveis para 2013. Importa também ressaltar que, para Timor-Leste apenas existem dados a partir de 2004 e para a Guiné-Bissau não se conhecem valores das exportações para 2011 e 2012.

Quadro 2 – Balanças Comerciais de Mercadorias dos Membros do Fórum Macau face ao Mundo 2002 a 2012

(milhões de U.S. Dólares)

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Índice ¹ (2002=100)
Angola												
Importação (cif)	3 760	5 480	5 832	8 353	11 600	9 617	14 544	22 548	16 574	20 228	23 717	630,8
<i>t.v.h.</i>	-	45,7	6,4	43,2	38,9	-17,1	51,2	55,0	-26,5	22,0	17,2	
Exportação (fob)	7 516	9 237	12 975	23 670	31 084	43 452	72 179	40 080	46 437	65 745	70 032	931,8
<i>t.v.h.</i>	-	22,9	40,5	82,4	31,3	39,8	66,1	-44,5	15,9	41,6	6,5	
Saldo (fob-cif)	3 756	3 757	7 143	15 317	19 484	33 835	57 635	17 532	29 863	45 517	46 315	
<i>t.v.h.</i>	-	0,0	90,1	114,4	27,2	73,7	70,3	-69,6	70,3	52,4	1,8	
Cobertura (fob/cif)	199,9	168,6	222,5	283,4	268,0	451,8	496,3	177,8	280,2	325,0	295,3	
Brasil												
Importação (cif)	49 723	50 881	66 433	77 628	95 838	126 645	182 377	133 673	191 537	236 946	228 377	459,3
<i>t.v.h.</i>	-	2,3	30,6	16,9	23,5	32,1	44,0	-26,7	43,3	23,7	-3,6	
Exportação (fob)	60 439	73 203	96 678	118 529	137 807	160 649	197 942	152 995	201 915	256 040	242 580	401,4
<i>t.v.h.</i>	-	21,1	32,1	22,6	16,3	16,6	23,2	-22,7	32,0	26,8	-5,3	
Saldo (fob-cif)	10 716	22 322	30 245	40 901	41 969	34 004	15 565	19 322	10 378	19 094	14 203	
<i>t.v.h.</i>	-	108,3	35,5	35,2	2,6	-19,0	-54,2	24,1	-46,3	84,0	-25,6	
Cobertura (fob/cif)	121,6	143,9	145,5	152,7	143,8	126,8	108,5	114,5	105,4	108,1	106,2	
Cabo Verde												
Importação (cif)	276	352	432	438	543	753	819	709	743	947	766	277,5
<i>t.v.h.</i>	-	27,5	22,7	1,4	24,0	38,7	8,8	-13,4	4,8	27,5	-19,1	
Exportação (fob)	11	13	15	18	21	19	32	35	45	69	53	481,8
<i>t.v.h.</i>	-	18,2	15,4	20,0	16,7	-9,5	68,4	9,4	28,6	53,3	-23,2	
Saldo (fob-cif)	-265	-339	-417	-420	-522	-734	-787	-674	-698	-878	-713	
<i>t.v.h.</i>	-	27,9	23,0	0,7	24,3	40,6	7,2	-14,4	3,6	25,8	-18,8	
Cobertura (fob/cif)	4,0	3,7	3,5	4,1	3,9	2,5	3,9	4,9	6,1	7,3	6,9	
China												
Importação (cif)	295 170	412 760	561 229	660 206	791 797	956 233	1 131 620	1 004 170	1 396 200	1 742 850	1 817 780	615,8
<i>t.v.h.</i>	-	39,8	36,0	17,6	19,9	20,8	18,3	-11,3	39,0	24,8	4,3	
Exportação (fob)	325 596	438 228	593 326	761 953	969 380	1 217 790	1 428 660	1 201 790	1 578 270	1 899 180	2 048 940	629,3
<i>t.v.h.</i>	-	34,6	35,4	28,4	27,2	25,6	17,3	-15,9	31,3	20,3	7,9	
Saldo (fob-cif)	30 426	25 468	32 097	101 747	177 583	261 557	297 040	197 620	182 070	156 330	231 160	
<i>t.v.h.</i>	-	-16,3	26,0	217,0	74,5	47,3	13,6	-33,5	-7,9	-14,1	47,9	
Cobertura (fob/cif)	110,3	106,2	105,7	115,4	122,4	127,4	126,2	119,7	113,0	109,0	112,7	
Guiné-Bissau												
Importação (cif)	59	66	96	119	111	111	159	230	220	300	250	423,7
<i>t.v.h.</i>	-	11,9	45,5	24,0	-6,7	0,0	43,2	44,7	-4,3	36,4	-16,7	
Exportação (fob)	54	65	75	90	74	106	131	119	118	-	-	-
<i>t.v.h.</i>	-	20,4	15,4	20,0	-17,8	43,2	23,6	-9,2	-0,8	-	-	
Saldo (fob-cif)	-5	-1	-21	-29	-37	-5	-28	-111	-102	-	-	
<i>t.v.h.</i>	-	-80,0	2 000,0	38,1	27,6	-86,5	460,0	296,4	-8,1	-	-	
Cobertura (fob/cif)	91,5	98,5	78,1	75,6	66,7	95,5	82,4	51,7	53,6	-	-	
Macau												
Importação (cif)	2 530	2 755	3 478	3 913	4 565	5 366	5 365	4 622	5 513	7 769	8 877	350,9
<i>t.v.h.</i>	-	8,9	26,2	12,5	16,7	17,5	0,0	-13,8	19,3	40,9	14,3	
Exportação (fob)	2 356	2 581	2 812	2 476	2 557	2 543	1 997	961	870	869	1 021	43,3
<i>t.v.h.</i>	-	9,6	9,0	-11,9	3,3	-0,5	-21,5	-51,9	-9,5	-0,1	17,5	
Saldo (fob-cif)	-174	-174	-666	-1 437	-2 008	-2 823	-3 368	-3 661	-4 643	-6 900	-7 856	
<i>t.v.h.</i>	-	0,0	282,2	115,8	39,7	40,6	19,3	8,7	26,8	48,6	13,9	
Cobertura (fob/cif)	93,1	93,7	80,9	63,3	56,0	47,4	37,2	20,8	15,8	11,2	11,5	
Moçambique												
Importação (cif)	1 543	1 753	2 035	2 408	2 869	3 050	4 008	3 764	4 600	6 306	6 800	440,7
<i>t.v.h.</i>	-	13,6	16,1	18,3	19,1	6,3	31,4	-6,1	22,2	37,1	7,8	
Exportação (fob)	810	1 045	1 504	1 783	2 381	2 412	2 653	2 147	3 000	3 604	4 100	506,2
<i>t.v.h.</i>	-	29,0	43,9	18,6	33,5	1,3	10,0	-19,1	39,7	20,1	13,8	
Saldo (fob-cif)	-733	-708	-531	-625	-488	-638	-1 355	-1 617	-1 600	-2 702	-2 700	
<i>t.v.h.</i>	-	-3,4	-25,0	17,7	-21,9	30,7	112,4	19,3	-1,1	68,9	-0,1	
Cobertura (fob/cif)	52,5	59,6	73,9	74,0	83,0	79,1	66,2	57,0	65,2	57,2	60,3	
Portugal												
Importação (cif)	38 326	40 853	49 240	53 398	65 639	82 280	94 726	71 757	77 688	82 481	72 306	188,7
<i>t.v.h.</i>	-	6,6	20,5	8,4	22,9	25,4	15,1	-24,2	8,3	6,2	-12,3	
Exportação (fob)	25 536	30 719	33 035	32 129	42 906	52 493	57 406	44 250	49 408	59 608	58 255	228,1
<i>t.v.h.</i>	-	20,3	7,5	-2,7	33,5	22,3	9,4	-22,9	11,7	20,6	-2,3	
Saldo (fob-cif)	-12 790	-10 134	-16 205	-21 269	-22 733	-29 787	-37 320	-27 507	-28 280	-22 873	-14 051	
<i>t.v.h.</i>	-	-20,8	59,9	31,2	6,9	31,0	25,3	-26,3	2,8	-19,1	-38,6	
Cobertura (fob/cif)	66,6	75,2	67,1	60,2	65,4	63,8	60,6	61,7	63,6	72,3	80,6	
Timor-Leste												
Importação (cif)	-	-	113	102	88	199	258	283	246	319	664	-
<i>t.v.h.</i>	-	-	-	-9,7	-13,7	126,1	29,6	9,7	-13,1	29,7	108,2	
Exportação (fob)	-	-	106	43	61	19	49	35	42	53	77	-
<i>t.v.h.</i>	-	-	-	-59,4	41,9	-68,9	157,9	-28,6	20,0	26,2	45,3	
Saldo (fob-cif)	-	-	-7	-59	-27	-180	-209	-248	-204	-266	-587	
<i>t.v.h.</i>	-	-	-	742,9	-54,2	566,7	16,1	18,7	-17,7	30,4	120,7	
Cobertura (fob/cif)	-	-	93,8	42,2	69,3	9,5	19,0	12,4	17,1	16,6	11,6	

Fonte: A partir dos dados de base do UN Statistical Yearbook.

Nota: Dados para 2002 com base no Statistical Yearbook 2009, dados para 2003 com base no Statistical Yearbook 2011 e dados para 2004 e seguintes com base no Statistical Yearbook 2012. Disponível em <http://comtrade.un.org/pb/>

¹Índice= (Montante 2012/Montante 2002) *100; Base 2002=100

‘-’: valor não disponível

À exceção de Angola, Brasil e China, todas as restantes economias em análise têm balanças comerciais negativas face ao Mundo, sendo esta dependência mais ou menos expressiva de caso para caso. No que concerne aos países africanos que integram o Fórum Macau (excluindo Angola), e também a Timor-Leste, o saldo negativo das balanças comerciais sofreu um agravamento no decurso dos dez anos apresentados. Por outro lado, e de uma forma geral, todas as economias analisadas apresentam montantes totais de importações crescentes até 2007/2008, tendo sofrido uma ligeira quebra depois desta data.

As exportações de todas as economias expostas, à exceção de Macau, cresceram ao longo do período abordado. Os crescimentos mais expressivos verificaram-se para Angola e China. Estes dois países, bem como o Brasil, destacam-se também por possuírem uma cobertura do montante importado pelo montante exportado superior a 100%. Este facto pode estar relacionado com motivos distintos: no caso dos dois países de expressão portuguesa, este acontecimento pode associar-se à existência de petróleo e no caso da China vai ao encontro do crescimento intenso que esta economia tem mostrado nas últimas décadas.

Porém as diferenças entre os vários membros do Fórum Macau não se resumem apenas aos indicadores macroeconómicos, demográficos e geográficos. Os níveis de desenvolvimento económico e social são extremos, indo de economias desenvolvidas a economias subdesenvolvidas.

A criação do Fórum Macau poderá ser um caminho para colmatar algumas destas disparidades, através do incremento das relações bilaterais entre os seus intervenientes. Se por um lado os países menos desenvolvidos deste grupo são ricos em matérias-primas, recursos naturais e produtos agrícolas, mas pobres em recursos económicos, grandes economias como a China têm grande capacidade de financiamento e um stock de recursos escasso, que em última instância pode limitar o crescimento intenso que tem levado a cabo nos últimos anos.

De seguida será analisado o comércio bilateral de mercadorias entre os membros que integram o mecanismo sino-lusófono, tendo por base três óticas: a ótica da China, enquanto impulsionadora do Fórum Macau; a ótica de Macau, enquanto plataforma giratória entre a China e as ex-colónias portuguesas; e a ótica de Portugal, enquanto ex-soberano das economias que hoje se designam por países de língua portuguesa.

4. COMÉRCIO BILATERAL NO FÓRUM MACAU: ÓTICAS DA CHINA, DE MACAU E DE PORTUGAL

4.1. COMÉRCIO DE MERCADORIAS DA CHINA FACE AOS PARCEIROS DO FÓRUM

De há 30 anos a esta parte, a China tem-se afirmado como uma potência no panorama mundial, quer seja no plano político que seja no plano económico. Em 2011, China, EUA e UE juntos eram responsáveis por metade do PIB mundial, o que dá uma ideia bastante clara da emancipação deste país ao nível de outras potências económicas mundiais⁶.

O forte crescimento e expansão que têm marcado as últimas décadas da economia do maior país da Ásia Oriental, e também o mais populoso do mundo, só são exequíveis graças a uma grande disponibilidade de recursos. Apesar da sua riqueza populacional, territorial e económica, a China possui poucos recursos naturais face à sua dimensão, tendo de recorrer ao exterior em grande escala para suprir as suas necessidades. Por seu turno, algumas economias mundiais são bastante dotadas em recursos, mas possuem recursos monetários escassos que lhes permitam financiar um desenvolvimento sustentável. Este é o caso de algumas das ex-colónias portuguesas. Estas economias são ricas em recursos naturais tais como petróleo, diamantes e minérios, e representam um mercado de consumo com vários milhões de habitantes.

Apesar da pouca proximidade geográfica entre a RPC e os Países de Língua Portuguesa (Timor-Leste é exceção neste campo), o interesse de Pequim nestes territórios é cada vez mais evidente. É precisamente nesta linha que surge o Fórum Macau. Este mecanismo cooperativo permitiu à China transformar o legado português presente na recém-criada Região Administrativa Especial de Macau em benefícios económicos.

Neste ponto, serão analisadas as trocas comerciais de mercadorias entre a China e os Países de Língua Portuguesa, desde a criação do Fórum Macau até ao presente (2003-2013), de modo a aferir o possível impacto que a criação deste mecanismo possa ter tido no volume de trocas entre os vários intervenientes.

O próximo quadro é relativo às balanças comerciais de mercadorias da China face a cada um dos restantes países que integram o Fórum Macau. Nesta análise também foi incluída a RAEM.

**Quadro 3 - Balanças Comerciais da China face aos parceiros do Fórum Macau e à RAEM
2003 a 2013**

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Índice ¹ (2003=100)
(milhões de US Dólares)												
Angola												
Importação (cif)	2 206	4 717	6 582	10 933	12 889	22 383	14 676	22 815	24 922	33 562	31 955	1 448,6
t.v.h.	-	113,8	39,5	66,1	17,9	73,7	-34,4	55,5	9,2	34,7	-4,8	
Exportação (fob)	146	194	373	894	1 235	2 942	2 386	2 004	2 784	4 039	3 965	2 719,7
t.v.h.	-	32,7	92,6	139,9	38,1	138,3	-18,9	-16,0	38,9	45,1	-1,8	
Saldo (fob-cif)	-2 060	-4 524	-6 209	-10 039	-11 654	-19 440	-12 290	-20 811	-22 138	-29 523	-27 990	
t.v.h.	-	119,6	37,3	61,7	16,1	66,8	-36,8	69,3	6,4	33,4	-5,2	
Cobertura (fob/cif)	6,6	4,1	5,7	8,2	9,6	13,1	16,3	8,8	11,2	12,0	12,4	
Brasil												
Importação (cif)	5 842	8 673	9 993	12 909	18 342	29 863	28 281	38 099	52 387	52 281	53 748	920,0
t.v.h.	-	48,4	15,2	29,2	42,1	62,8	-5,3	34,7	37,5	-0,2	2,8	
Exportação (fob)	2 143	3 674	4 827	7 380	11 398	18 807	14 119	24 461	31 837	33 414	36 192	1 688,6
t.v.h.	-	71,4	31,4	52,9	54,4	65,0	-24,9	73,3	30,2	5,0	8,3	
Saldo (fob-cif)	-3 699	-4 999	-5 165	-5 529	-6 944	-11 056	-14 162	-13 639	-20 550	-18 867	-17 555	
t.v.h.	-	35,1	3,3	7,0	25,6	59,2	28,1	-3,7	50,7	-8,2	-7,0	
Cobertura (fob/cif)	36,7	42,4	48,3	57,2	62,1	63,0	49,9	64,2	60,8	63,9	67,3	

(cont.)

⁶ "EU, US and China together account for half of world GDP", Eurostat News release 69/2014, disponível em http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/2-30042014-DP/EN/2-30042014-DP-EN.PDF

(milhões de U.S.Dólares)

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Índice ¹ (2003=100)
Cabo Verde												
Importação (cif)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-
t.v.h.	-	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	-91,7	-100,0	-
Exportação (fob)	3	3	5	10	17	15	35	34	50	57	61	2 361,2
t.v.h.	-	5,8	88,9	94,6	66,7	-11,1	136,8	-3,0	44,9	15,6	6,6	
Saldo (fob-cif)	3	3	5	10	17	15	35	34	50	57	61	
t.v.h.	-	5,8	88,9	94,6	66,7	-11,1	136,8	-3,1	44,9	15,6	6,6	
Cobertura (fob/cif)	-	-	-	-	-	-	-	286 125,0	414 600,0	5 749 000,0	-	
Guiné-Bissau												
Importação (cif)	0	0	0	0	0	0	0	4	4	7	17	-
t.v.h.	-	100,0	-100,0	0,0	100,0	618,2	30,1	138,9	6,5	61,3	153,7	-
Exportação (fob)	12	6	6	6	7	6	23	9	15	16	12	95,3
t.v.h.	-	-51,5	-3,3	-2,0	28,7	-15,9	277,3	-59,3	57,4	7,0	-26,0	
Saldo (fob-cif)	12	6	6	6	7	5	22	5	11	9	-5	
t.v.h.	-	51,7	-2,9	-2,0	25,7	-31,3	340,0	-74,2	92,7	-13,7	-154,6	
Cobertura (fob/cif)	689,9	749,3	606,7	850,2	941,9	850,8	752,5	244,2	361,1	239,6	70,0	
Macau												
Importação (cif)	186	216	265	257	280	306	246	124	162	279	387	208,7
t.v.h.	-	16,3	22,5	-2,8	9,1	9,1	-19,5	-49,8	31,3	72,0	38,7	
Exportação (fob)	1 280	1 618	1 605	2 185	2 641	2 602	1 852	2 141	2 355	2 708	3 178	248,3
t.v.h.	-	26,4	-0,8	36,2	20,8	-1,5	-28,8	15,6	10,0	15,0	17,4	
Saldo (fob-cif)	1 094	1 402	1 340	1 928	2 361	2 296	1 606	2 017	2 193	2 429	2 791	
t.v.h.	-	28,1	-4,4	43,8	22,4	-2,7	-30,1	25,6	8,7	10,8	14,9	
Cobertura (fob/cif)	689,9	749,3	606,7	850,2	941,9	850,8	752,5	1 732,7	1 451,5	970,1	821,1	
Moçambique												
Importação (cif)	27	44	74	80	124	126	178	201	257	403	451	1 696,7
t.v.h.	-	66,5	66,0	8,5	55,8	1,3	41,0	13,2	27,9	56,8	11,9	
Exportação (fob)	45	75	91	128	164	296	339	496	700	941	1 197	2 658,8
t.v.h.	-	66,9	21,7	39,9	27,8	81,0	14,6	46,4	41,1	34,4	27,2	
Saldo (fob-cif)	18	31	18	48	39	170	162	295	443	538	746	
t.v.h.	-	67,4	-41,8	168,3	-18,4	332,8	-5,0	82,8	50,0	21,3	38,8	
Cobertura (fob/cif)	169,3	169,7	124,4	160,4	131,6	235,1	191,0	246,9	272,2	233,3	265,3	
Portugal												
Importação (cif)	195	281	324	354	385	387	481	754	1 162	1 515	1 401	720,0
t.v.h.	-	44,3	15,3	9,3	8,7	0,7	24,1	56,9	54,0	30,3	-7,5	
Exportação (fob)	406	588	912	1 360	1 835	2 317	1 924	2 513	2 801	2 501	2 507	617,1
t.v.h.	-	44,8	55,0	49,1	34,9	26,3	-17,0	30,7	11,5	-10,7	0,2	
Saldo (fob-cif)	212	307	588	1 006	1 450	1 930	1 443	1 759	1 639	987	1 106	
t.v.h.	-	45,2	91,3	71,0	44,2	33,1	-25,2	21,9	-6,8	-39,8	12,1	
Cobertura (fob/cif)	208,7	209,4	281,6	384,3	477,0	598,0	400,0	333,1	241,1	165,1	178,9	
Timor-Leste												
Importação (cif)	0	0	0	11	0	0	0	0	2	1	0	-
t.v.h.	-	0,0	0,0	1 096 300,0	-99,6	116,3	-78,3	987,0	597,2	-60,5	-42,3	
Exportação (fob)	1	2	1	6	10	9	23	43	70	62	47	4 433,6
t.v.h.	-	60,2	-25,5	355,1	64,3	-1,0	146,8	84,1	64,4	-11,3	-24,3	
Saldo (fob-cif)	1	2	1	-5	9	9	23	43	69	62	47	
t.v.h.	-	60,2	-25,6	-506,4	283,2	-1,6	149,3	83,3	61,3	-10,1	-24,1	
Cobertura (fob/cif)	-	-	127 300,0	52,8	19 428,6	8 892,5	101 130,0	17 132,8	4 040,9	9 080,5	11 916,1	

Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre - ITC.

Nota: Valores das importações e exportações arredondados às unidades. Taxas de variação homóloga, saldo, cobertura e índice calculados com base nos valores não arredondados.

¹Índice= (Montante 2013/Montante 2003)*100; Base 2003=100

“-”: valor não disponível

Uma primeira abordagem ao quadro anterior permite aferir que as balanças comerciais apresentadas são favoráveis à China em quase todos os casos. Desta tendência excetuam-se as balanças relativas às trocas com Angola e Brasil, que exibem sempre saldo negativo ao longo do período exposto. O montante dos fluxos de mercadorias da China face a estes dois lusófonos experimentou um incremento considerável de 2003 para 2013. De acordo com o índice calculado (Base 2003=100), as importações chinesas com origem em Angola e no Brasil aumentaram 14 e 9 vezes, respetivamente, tendo as exportações com destino a estes mesmos territórios crescido 27 e 16 vezes. Apesar do aumento das exportações ser mais notório que o das importações, o montante base é menor no primeiro caso, daí que o saldo deficitário destas duas balanças se tenha agravado, ao invés de ser reduzido.

Contrariamente ao que foi verificado para os dois países supramencionados, o montante de importações e exportações relativas a Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor-Leste é bastante reduzido. Ainda assim, foi precisamente para Cabo Verde e Timor-Leste, a par com Moçambique, que alguns dos fluxos bilaterais registaram um incremento mais acentuado, de 2003 para 2013. Neste período, as importações

provenientes de Moçambique cresceram quase 17 vezes e as exportações chinesas com destino a Cabo Verde, Moçambique e Timor-Leste cresceram 23, 26 e 44 vezes, respetivamente.

Do leque de países parceiros, apenas as exportações com destino à Guiné-Bissau registaram uma quebra de 2003 para 2013 (Índice=95,3).

Importa, também, fazer referência às elevadas taxas de cobertura verificadas para as trocas com alguns dos membros do Fórum, as quais espelham o gap significativo entre o valor importado e exportado pela China face a estas economias. O caso mais flagrante respeita à balança comercial China - Cabo Verde, que em 2012 registou uma cobertura das importações pelas exportações de 5.479.000%. A mesma balança já havia registado taxas de cobertura de 286.125% e 414.600% nos anos de 2010 e 2011, respetivamente. Neste campo, destaca-se também a balança China - Timor-Leste para os anos de 2005 e 2009, cujas taxas de cobertura verificadas ascenderam a 127.300% e 101.130%, respetivamente.

De acordo com os dados, parece haver um fortalecimento das relações bilaterais entre a China e os países de língua portuguesa com os quais detinha um relacionamento mais ténue.

O quadro 4 reflete o peso das trocas comerciais agrupadas dos membros do Fórum Macau no total das trocas comerciais entre a RPC e o Mundo, para o decanato 2003-2013. A RAEM não foi considerada na presente análise, dado não ser membro independente do Fórum.

**Quadro 4 - % do comércio bilateral China-Mundo pertencente aos parceiros do Fórum
2003 a 2013**

		2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Índice ¹ (2003=100)	
Importações	Mundo	10 ⁶ USD	412 760	561 229	659 953	791 461	956 115	1 132 562	1 005 555	1 396 002	1 743 395	1 818 199	1 949 935	472,4
	Total Membros	10 ⁶ USD	8 269	13 715	16 972	24 287	31 740	52 761	43 617	61 874	78 734	87 768	87 572	1 059,0
	Peso no Total	%	2,0	2,4	2,6	3,1	3,3	4,7	4,3	4,4	4,5	4,8	4,5	
Exportações	Mundo	10 ⁶ USD	438 228	593 326	761 953	968 936	1 220 060	1 430 693	1 201 647	1 577 764	1 898 388	2 048 782	2 210 523	504,4
	Total Membros	10 ⁶ USD	2 756	4 541	6 216	9 783	14 665	24 394	18 849	29 561	38 258	41 031	43 982	1 595,7
	Peso no Total	%	0,6	0,8	0,8	1,0	1,2	1,7	1,6	1,9	2,0	2,0	2,0	

Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre – ITC.

Nota: O indicador Total Membros inclui as trocas com Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste.

¹Índice= (Montante 2013/Montante 2003) *100; Base 2003=100. Calculado com base nos valores não arredondados.

O peso do conjunto de países do Fórum Macau nos fluxos comerciais de mercadorias entre a China e o resto do Mundo aumentou ao longo dos dez anos em estudo.

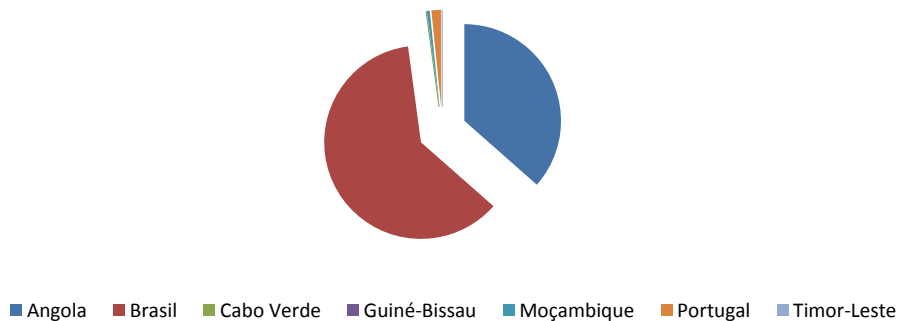
O montante total importado pelos membros do Fórum passou de 8.269 milhões de dólares, no primeiro ano considerado, para 87.572 milhões de dólares no último ano, isto é, cerca de dez vezes mais. Este grupo de economias representava 2,0% do total importado pela RPC em 2003. Volvidos dez anos, este mesmo indicador ascendia a 4,5%.

As exportações demonstram um comportamento similar. O montante total exportado pela China com destino aos parceiros do Fórum Macau era de 2.756 milhões de dólares em 2003, ascendendo a 43.982 milhões de dólares em 2013, o que representa um aumento de quase 16 vezes. O peso conjunto das exportações com destino aos membros do Fórum no total exportado pela China aumentou 1,4 pontos percentuais de 2003 para 2013, passando de 0,6 para 2,0%.

Os números apontam para uma aproximação gradual da China aos PLP no período abordado, especialmente ao nível das importações. Dados mais recentes apontam também neste sentido. No primeiro trimestre de 2014, o comércio bilateral entre a China e os PLP aumentou 10,8%.⁷

O peso total dos parceiros do Fórum Macau no comércio internacional chinês é fruto de um balanço entre o maior ou menor interesse que a China nutre por cada país da esfera lusófona. Essa afinidade está bem patente na percentagem que cada parceiro detém no total de trocas comerciais entre a China e os PLP, como se pode verificar pelos gráficos seguintes. Nesta análise também não foi considerada a RAEM.

Gráfico 1 – Peso de cada PLP no total importado pela China com origem no grupo dos PLP 2013

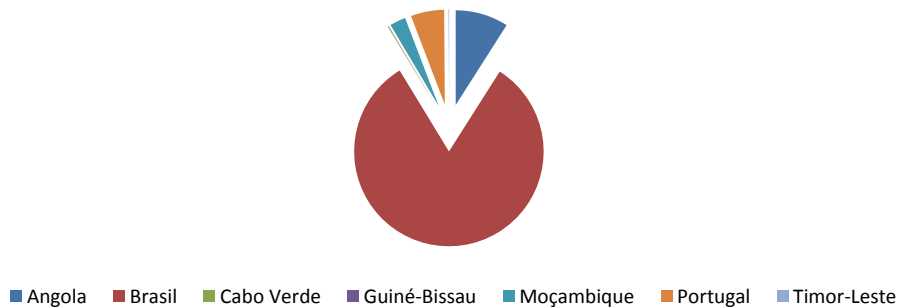


Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre - ITC.

Nota: Peso = Importação com origem em cada PLP / Total importado com origem nos PLP do Fórum.

Total importado com origem nos PLP inclui as importações chinesas com origem em Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste.

Gráfico 2 - Peso de cada PLP no total exportado pela China com destino ao grupo dos PLP 2013



Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre - ITC.

Nota: Peso = Exportação com destino a cada PLP / Total exportado com destino aos PLP do Fórum.

Total exportado com destino aos PLP inclui as exportações chinesas com destino a Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste.

Os gráficos mostram que a hierarquia de laços bilaterais China-PLP é liderada pelo Brasil. Seguem-se Angola, Portugal, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor-Leste. Importa então olhar com mais detalhe para as relações bilaterais entre a China e cada uma das nações lusófonas, na tentativa de aferir qual o critério que define o interesse chinês por cada um destes países.

⁷ PE Probe, <http://www.peprobe.com/new/china-trade-with-portuguese-speaking-countries-booming>

O Brasil é o parceiro lusófono com maior relevo nas trocas comerciais China-PLP. Desta economia da América Latina, Pequim importa sobretudo soja, minérios de ferro e pastas químicas de madeira, e exporta aparelhos domésticos, equipamento eletrónico e maquinaria.

A procura por matérias-primas, recursos energéticos e recursos naturais, ainda que seja o principal motivo do interesse chinês no Brasil, não é o único. Nesta nação lusófona, Pequim procura também um mercado de consumo em crescimento que absorva os seus produtos manufaturados, bem como obter algum conhecimento especializado de indústrias de alta tecnologia. China e Brasil cooperaram já em alguns projetos industriais como a Harbin Embraer Aircraft Industry Company Limited, na área da aviação, e a Boasteel Victoria Iron & Steel, na área da siderurgia. Além do Fórum Macau, a China partilha com o Brasil outros mecanismos económicos, tais como os BRICS e os G20.

Quanto aos países africanos de língua oficial portuguesa que integram o Fórum Macau, Angola é o que tem um peso mais expressivo nas trocas comerciais da República Popular da China com os PLP.

As relações diplomáticas entre estas duas economias datam de 1983, mas só após o término da guerra civil angolana, em 2002, é que as mesmas se tornaram mais estáveis. A cooperação económica foi aprofundada em 2004, quando o Eximbank (Banco de Exportações da China) proporcionou a Angola uma linha de crédito para reconstruir infraestruturas, incluindo ferrovias, edifícios administrativos, edifícios públicos e redes elétricas, que haviam sido destruídos durante os quase trinta anos de guerra civil. Como retorno, Pequim teria acesso a alguns milhares de barris de petróleo por dia.

Desde 2004, já existiram outras linhas de crédito, acordos e contratos de construção entre os dois países. Na sua maioria, estes contratos estão ligados a matérias-primas e recursos energéticos, principais fontes do interesse chinês por Angola. Contudo, não devem ser menosprezados os influxos de companhias e cidadãos chineses que têm chegado a este país africano.

Esta “amizade” entre China e Angola tem assim proporcionado benefícios mútuos, mais ou menos equilibrados: Pequim tem acesso facilitado a recursos energéticos e naturais, e Luanda obtém empréstimos em condições mais favoráveis (taxas de juro mais baixas e mais tempo de reembolso) do que os que lhe são disponibilizados por países ocidentais ou organizações internacionais.

De Angola, Pequim importa petróleo, gás natural e diamantes. Quanto às exportações chinesas com destino a este território, os produtos manufaturados e eletrónicos são os que assumem maior destaque.

Dos parceiros lusófonos da China, Portugal é o único situado no continente europeu. Portugal e China encontraram-se pela primeira vez no século XVI, quando os navegadores portugueses chegaram a Macau. Apesar deste laço quase ancestral, as relações diplomáticas entre os dois países só foram oficialmente estabelecidas em 1979.

Os laços históricos que unem as duas economias conferem a Portugal um papel específico no seio das relações sino-lusófonas, contudo este país possui uma participação pouco expressiva no total do comércio externo sino-lusófono, quando comparada com outros PLP. A emancipação de Macau como plataforma estratégica para as relações externas sino-lusófonas e o facto de Portugal não ser rico em recursos naturais e energéticos são os principais motivos apontados. Ainda assim, existem alguns sinais de melhoria nas relações de comércio bilateral entre os dois países. No primeiro trimestre de 2014, o comércio entre China e Portugal cresceu 11,32% face ao período homólogo⁸.

A China importa de Portugal automóveis, circuitos integrados, minérios de cobre, pastas de madeira e pedras para construção. Em contrapartida, exporta essencialmente produtos eletrónicos e elétricos, tais como aparelhos telefónicos e máquinas automáticas para processamento de dados.

⁸ Disponível em: <http://www.peprobe.com/new/china-trade-with-portuguese-speaking-countries-booming>

Portugal é pouco dotado nos recursos que a China procura na maioria das economias lusófonas, e representa um mercado de consumo reduzido para escoamento de produtos. Contudo, continua ainda a ser uma porta de acesso à União Europeia.

Têm sido várias as visitas de Estado de parte a parte. Em 2005, o primeiro-ministro Wen Jiabao visitou Lisboa. Em 2007, foi a vez do primeiro-ministro português José Sócrates visitar a China e Macau. Nestas visitas, bem como na recente deslocação à China do Presidente da República Portuguesa, Aníbal Cavaco Silva, em maio de 2014, e na visita de Liu Yunshan a Portugal, em junho do mesmo ano, os líderes políticos têm salientado a importância das relações bilaterais entre os dois países^{9 10}.

Moçambique é o segundo maior parceiro da China na África lusófona. As relações diplomáticas China-Moçambique foram estabelecidas logo após a independência do país africano, em 1975.

Mais tarde, no ano de 2001, China e Moçambique estabeleceram uma Comissão Económica e Social Conjunta e assinaram dois acordos importantes: um Acordo Comercial e um Acordo para a Promoção e Proteção Recíproca do Investimento.

As relações entre os dois países conheceram uma nova dinâmica em 2003, na sequência da criação do Fórum Macau. Este mecanismo permitiu à China aproximar-se ainda mais do continente africano, em especial de economias como a de Moçambique.

Em 2006, o Eximbank da China concedeu a este país africano um empréstimo em condições vantajosas que ascendeu a 60 milhões de dólares. Este influxo permitiu a Moçambique construir ou reconstruir algumas das suas infraestruturas, perdidas durante os quase dezasseis anos de guerra civil. Algumas infraestruturas públicas, tais como escolas, estádios de futebol, estradas, pontes e ferrovias foram mesmo construídas por empresas chinesas. Além disso, Pequim cancelou também parte da dívida de Moçambique, no valor de 52 milhões de dólares.

A classe política moçambicana acolhe de bom grado esta aproximação chinesa, pois vê este país asiático como o único que lhe ofereceu auxílio quando todos os outros, nomeadamente os ocidentais, recusaram. Todavia, os mais cétricos defendem uma abordagem mais defensiva, pois uma má gestão da participação chinesa em Moçambique pode culminar numa dependência semelhante à do passado em relação às potências colonizadoras¹¹.

Neste país, a China procura recursos naturais tais como madeira, carvão e minérios. Em contrapartida, exporta para este território aparelhos telefónicos, calçado e máquinas.

Na hierarquia das parcerias sino-lusófonas segue-se Cabo Verde. A República de Cabo Verde e a República Popular da China iniciaram as suas relações diplomáticas em 1976. Este arquipélago africano é muito pobre em recursos naturais, sendo os bens alimentares importados do exterior quase na totalidade. Deste modo, seria à partida expectável que o interesse da China por este lusófono fosse diminuto. No que concerne ao comércio bilateral entre os dois países, os valores de facto apontam neste sentido. Contudo, Pequim definiu outro tipo de estratégia para estas dez ilhas do Atlântico. Apesar de não possuir os recursos naturais ou energéticos que a China procura nos países lusófonos, a República de Cabo Verde tem uma posição geopolítica privilegiada, como plataforma entre Europa, África e América e oferece um vasto leque de oportunidades de laboração para as empresas chinesas.

⁹ Antes de partir para a visita de Estado à China, a 9 de maio de 2014, Aníbal Cavaco Silva salientou que as relações entre Portugal e China “vão tornar-se mais fortes no futuro em muitos domínios com base na confiança, cooperação e respeito mútuo.”, disponível em http://news.xinhuanet.com/english/indepth/2014-05/09/c_133322609.htm

¹⁰ Em visita a Portugal, em junho de 2014, o líder comunista chinês Liu Yunshan, afirmou que a China pretende “elevar as relações sino-portuguesas para um novo patamar.”, disponível em <http://www.peprobe.com/pt-pt/new/china-deseja-elevar-as-relacoes-com-portugal-para-um-novo-patamar>

¹¹ Chichava, S. (2008), “*Mozambique and China: from politics to business?*”.

Em 2003, a China Building Material Industrial Corporation for Econo-Technical Cooperation investiu cerca de 55 milhões de dólares na construção de uma fábrica de cimento em Cabo Verde. Outras empresas chinesas estiveram envolvidas na construção de infraestruturas como o Parlamento Nacional e o Palácio do Governo. Além disso, Pequim ainda perdeu parte da dívida deste arquipélago.

Para Cabo Verde, esta parceria com a RPC representa a possibilidade de obter um financiamento imediato para o seu desenvolvimento e uma oportunidade de diversificar a sua economia, extremamente dependente do turismo e das remessas dos emigrantes.

Cabo Verde é a prova mais evidente da versatilidade da estratégia da China para os países de língua portuguesa. A política externa que parecia apenas direcionada para a supressão das necessidades de recursos energéticos e naturais, consubstancia-se assim numa instrumentalização dos países menos dotados para obter vantagem noutros domínios económicos e políticos.

Por último, surgem Guiné-Bissau e Timor-Leste, como os lusófonos que têm despertado um interesse mais modesto na China. Pelo menos os dados para as trocas comerciais assim levam a crer.

De todas as economias lusófonas que integram o Fórum Macau, a Guiné-Bissau é sem dúvida a mais pobre, mais débil e mais instável. Os laços diplomáticos entre este país e Pequim foram estabelecidos pela primeira vez em 1976. Viriam a ser suspensos entre 1990 e 1998, período em que esta economia africana estabeleceu relações diplomáticas com Taiwan. Em 1998, os laços entre China e Guiné-Bissau foram retomados e têm perdurado até ao presente.

Supõe-se que o principal interesse que move as relações bilaterais entre China e Guiné-Bissau são as reservas de petróleo não exploradas deste último. Pequim tem desenvolvido projetos de cooperação com este território africano em várias áreas, tais como agro-tecnologia, habitação, educação, energia e infraestruturas. A RPC financiou também a construção de uma barragem, um porto de águas profundas, estradas, pontes e alguns edifícios governamentais, e concedeu bolsas de estudos para que estudantes guineenses tivessem a possibilidade de se formar nas universidades chinesas.

As importações chinesas com origem na Guiné-Bissau são essencialmente madeira e minérios. As exportações, por seu lado, assentam em mercadorias como arroz, máquinas e produtos resultantes da siderurgia.

Em termos geográficos, Timor-Leste é a economia lusófona que se encontra mais próxima da República Popular da China. Contudo, foi o último país de expressão portuguesa a estabelecer laços diplomáticos com Pequim, corria o ano de 2002. Apesar de Timor-Leste ter sido declarado independente de Portugal em 1975, foi imediatamente ocupado pelas forças indonésias que reclamavam soberania sobre este território. Esta anexação à Indonésia, que perdurou por quase 25 anos, roubou a vida a milhares de cidadãos timorenses e destruiu várias infraestruturas. Só em 1999, após um referendo realizado sobre a supervisão da ONU, Timor-Leste conseguiu ter alguma paz, que viria a culminar na sua independência, em 2002.

A estratégia chinesa para as relações externas com Timor-Leste é em tudo semelhante à que se tem verificado para as grandes economias luso-africanas. Pequim oferece auxílio na construção de infraestruturas, na instrução de recursos humanos e bolsas de estudo para que estudantes timorenses possam entrar nas universidades chinesas. Em troca, consolida relações com um parceiro importante no continente asiático e tem acesso “privilegiado” ao petróleo e ao gás natural que Timor-Leste possui.

A aproximação entre os dois países tem sido traduzida num montante um pouco mais expressivo de trocas comerciais entre ambos. De Timor-Leste, a China importa circuitos integrados e café, e exporta construções pré-fabricadas, produtos manufaturados de ferro e máquinas.

Para finalizar a análise desenvolvida neste ponto, o quadro que se segue sintetiza os cinco principais tipos de produtos importados e exportados pela China face a cada um dos PLP que integram o Fórum.

Para isto, recorreu-se à nomenclatura combinada (NC), definida como a nomenclatura pautal e estatística da União Europeia. A cada posição da NC corresponde um código numérico de 8 algarismos: os seis primeiros respeitam às posições e subposições da nomenclatura do Sistema Harmonizado (secções, capítulos, posições e subposições); o sétimo e oitavo algarismos identificam as subposições da NC. Neste caso foi considerada a NC até quatro dígitos (0101 a 9990).

Quadro 5 – Cinco tipos de produtos mais trocados pela China face a cada economia lusófona, 2013

	Importação*			Exportação**		
	NC4	Descrição	10 ³ USD	NC4	Descrição	10 ³ USD
Angola	2709	Óleos brutos de petróleo	31 791 191	8711	Motocicletas e outros ciclos	148 702
	2711	Gás de petróleo	98 161	2522	Cal viva, cal apagada	121 853
	7102	Diamantes	50 073	8502	Grupos eletrogéneos	113 631
	2516	Granito, pórfiro, basalto, etc	12 183	7210	Produtos laminados de ferro/aço	106 349
	2506	Quartzos (exceto areias)	1 252	6402	Calçado com sola de borracha	105 194
		Peso no total (%)	100,0		Peso no total (%)	15,0
Brasil	2601	Minérios de ferro	21 078 021	8517	Aparelhos telefónicos	1 683 292
	1201	Soja	19 132 066	9013	Dispositivos de cristais líquidos	1 447 775
	2709	Hulhas, briquetes, etc.	3 790 999	8415	Máquinas de ar condicionado	754 316
	4703	Pastas químicas de madeira	1 530 456	8471	Máquinas automáticas proc. dados	741 319
	1701	Açúcares de cana	1 432 373	4202	Arcas viagem, malas, maletas, etc.	659 549
		Peso no total (%)	87,4		Peso no total (%)	14,6
Cabo Verde	-	-	-	8517	Aparelhos telefónicos	3 712
	-	-	-	4202	Arcas viagem, malas e maletas, etc.	2 700
	-	-	-	6104	Fatos saia-casaco, conjuntos, etc.	2 520
	-	-	-	9401	Assentos	2 360
	-	-	-	303	Peixes congelados	1 951
		Peso no total (%)	-		Peso no total (%)	21,6
Guiné-Bissau	4403	Madeira em bruto	10 097	1006	Arroz	870
	2601	Minérios de ferro	6 656	8701	Tratores (veículos a motor)	688
	4407	Madeira serrada ou fendida	72	8409	Partes de motores de pistão	599
	-	-	-	7210	Produtos laminados ferro ou aço	549
	-	-	-	902	Chá, mesmo aromatizado	521
		Peso no total (%)	100,0		Peso no total (%)	27,4
Moçambique	4403	Madeira em bruto	166 633	8517	Aparelhos telefónicos	47 049
	4407	Madeira serrada ou fendida	72 549	6402	Calçado com sola de borracha	42 663
	2701	Hulhas, briquetes, etc.	63 760	3105	A dubos	33 552
	1207	Sementes e frutos oleaginosos	47 257	8711	Motocicletas	33 218
	2614	Minérios de titânio	35 972	8429	Bulldozers, angledozers, etc.	29 870
		Peso no total (%)	85,6		Peso no total (%)	15,6
Portugal	8703	Automóveis de passageiros	360 893	8517	Aparelhos telefónicos	157 636
	8542	Circuitos integrados eletrónicos	152 859	8471	Máquinas processamento de dados	124 701
	2603	Minérios de cobre	69 749	8901	Transatlânticos, barcos de excursão	73 130
	4702	Pastas químicas de madeira	56 371	4202	Arcas viagem, malas e maletas	58 557
	2515	Mármore, travertinos, etc.	55 747	8714	Partes de motocicletas	49 141
		Peso no total (%)	49,6		Peso no total (%)	18,5

(cont.)

	Importação*			Exportação**		
	NC4	Descrição	10 ³ USD	NC4	Descrição	10 ³ USD
Timor-Leste	8542	Circuitos integrados eletrónicos	135	9406	Construções pré-fabricadas	5 196
	901	Café, mesmo torrado	110	7210	Produtos laminados ferro ou aço	4 283
	1401	Matérias vegetais para cestaria	106	7308	Construções e suas partes	3 264
	8517	Aparelhos telefónicos	17	8429	Bulldozers, angledozers, etc.	2 443
	4403	Madeira em bruto	13	8517	Aparelhos telefónicos	2 414
		Peso no total (%)	96,0		Peso no total (%)	37,2

Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre - ITC.

Nota: *Importações da China com origem em cada um dos parceiros do Fórum Macau.

**Exportações da China com destino a cada um dos parceiros do Fórum Macau.

‘-’: valor não disponível

As importações chinesas com origem nos parceiros lusófonos são bastante menos diversificadas do que as exportações com destino aos mesmos. A representatividade dos cinco tipos de produtos mais importados pela China de cada um dos restantes membros do Fórum é bastante elevada em quase todos os casos. Portugal é exceção, uma vez que os cinco tipos de produtos apresentados representam apenas 49,6% do total importado por Pequim.

No que concerne às exportações, a situação é bastante diferente. Os cinco tipos de produtos que a China mais exporta para cada um dos PLP representam no máximo 37,2% do total exportado (valor verificado para as trocas com Timor-Leste). Do elenco apresentado, o Brasil é o lusófono em que os cinco tipos de produtos mais recebidos da China têm menor representatividade, não indo além dos 14,6% do total.

4.2. COMÉRCIO DE MERCADORIAS DE MACAU FACE AOS MEMBROS DO FÓRUM

Portugal e China podem ser considerados os pólos do Fórum Macau: Portugal pelo cunho histórico que o liga às ex-colónias e à República Popular da China (através de Macau), e a China pela iniciativa de criação do Fórum e pelo interesse que nutre pelos países do quadro lusófono.

Apesar de Macau não ser membro direto do Fórum, é neste território que o Secretariado Permanente está sediado, evidenciando o papel simbólico de Macau como ponte entre os PLP e a China e vice-versa. Este facto confere a Macau a possibilidade de se aproximar de outras nações e diversificar a sua economia extremamente dependente do mercado do casino e do turismo.

Neste ponto será feita uma breve abordagem às trocas comerciais entre a RAEM e os membros do Fórum. Para as balanças comerciais apenas se dispõem de dados de 2002 a 2010, e para 2012.

**Quadro 6 - Balanças Comerciais de Macau face aos membros do Fórum
2002 a 2012**

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Índice ¹ (2002=100)
(milhares de U.S. dólares)												
Angola												
Importação (cif)	0	0	0	0	0	0	22	29	1	-	388	-
Exportação (fob)	0	0	580	0	0	1	0	0	128	-	174	-
Saldo (fob-cif)	0	0	580	0	0	1	-22	-29	127	-	-214	-
Brasil												
Importação (cif)	3 731	4 737	11 546	6 869	7 689	12 791	18 699	23 177	22 964	-	34 793	932,5
Exportação (fob)	43	74	65	322	2 830	860	1 330	56	23	-	32	74,4
Saldo (fob-cif)	-3 688	-4 663	-11 481	-6 547	-4 859	-11 931	-17 369	-23 121	-22 941	-	-34 761	
Cabo Verde												
Importação (cif)	0	0	0	0	0	2	0	0	0	-	0	-
Exportação (fob)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	-
Saldo (fob-cif)	0	0	0	0	0	-2	0	0	0	-	0	-
China												
Importação (cif)	1 055 950	1 182 998	1 544 979	1 687 058	2 059 592	2 287 736	2 111 276	1 451 577	1 714 267	-	2 900 797	274,7
Exportação (fob)	367 139	354 634	391 426	367 750	379 373	377 566	245 410	139 922	99 169	-	112 404	30,6
Saldo (fob-cif)	-688 811	-828 364	-1 153 553	-1 319 308	-1 680 219	-1 910 170	-1 865 866	-1 311 655	-1 615 098	-	-2 788 393	

(cont.)

(milhares de U.S. dólares)

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Índice ¹ (2002=100)
Guiné-Bissau												
Importação (cif)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	-
Exportação (fob)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	-
Saldo (fob-cif)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	-
Moçambique												
Importação (cif)	0	0	0	0	1	310	0	0	247	-	0	-
Exportação (fob)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	-
Saldo (fob-cif)	0	0	0	0	-1	-310	0	0	-247	-	0	-
Portugal												
Importação (cif)	11 865	11 867	14 404	13 110	16 528	18 827	21 365	16 986	16 827	-	29 765	250,9
Exportação (fob)	3 158	4 110	2 700	2 024	902	342	694	47	21	-	48	1,5
Saldo (fob-cif)	-8 707	-7 757	-11 704	-11 086	-15 626	-18 485	-20 671	-16 939	-16 806	-	-29 717	-
Timor-Leste												
Importação (cif)	0	3	0	38	79	310	181	0	111	-	104	-
Exportação (fob)	0	38	2	0	0	0	0	2	0	-	0	-
Saldo (fob-cif)	0	35	2	-38	-79	-310	-181	2	-111	-	-104	-

Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre - ITC.

Nota: Valores das importações e exportações arredondados às unidades.

¹Índice= (Montante 2012/Montante 2002)*100; Base 2002=100. Calculado com base nos valores não arredondados.

‘-’: valor não disponível

As balanças comerciais da Região Administrativa Especial de Macau face aos países que integram o Fórum são reflexo da sua própria economia e do papel que detém na política externa chinesa.

Por um lado, e como já foi referido, a economia de Macau é dominada pelo setor dos serviços, que representam cerca de 90% do seu PIB. As suas principais atividades são os jogos de azar e o turismo. Uma vez que as balanças comerciais se referem ao comércio de mercadorias e que a RAEM não tem setor agrícola e a indústria é muito pouca, não será de estranhar que importações e exportações face a alguns dos países do Fórum sejam muito baixas ou mesmo nulas. Nesta situação encontram-se Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor-Leste.

Por outro lado, Macau foi integrado na China em 1999, tornou-se Região Administrativa Especial deste país e assumiu o papel de plataforma sino-lusófona, facto que se reflete em montantes mais expressivos para as trocas comerciais com Brasil, China e Portugal.

No decanato 2002-2012, as importações de Macau com origem no Brasil cresceram 9 vezes, tendo duplicado o montante das importações provenientes da China e de Portugal. Contrariamente, as exportações com destino às três economias mencionadas experimentaram quebras, sendo que a mais acentuada se refere às exportações com destino a Portugal (Índice=1,5).

O quadro 7 contempla a participação do grupo de países do Fórum nas trocas comerciais entre Macau e o Mundo.

Quadro 7 - % do comércio bilateral Macau-Mundo pertencente aos membros do Fórum

		2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Índice ¹ (2002=100)	
Importações	Mundo	10 ⁶ USD	3 009	3 232	4 094	4 514	5 236	6 045	580	4 751	5 629	-	8 982	298,5
	Total Membros	10 ⁶ USD	1 072	1 200	1 571	1 707	2 084	2 320	2 152	1 492	1 754	-	2 966	276,8
	Peso no Total	%	35,6	37,1	38,4	37,8	39,8	38,4	36,6	31,4	31,2	-	33,0	
Exportações	Mundo	10 ⁶ USD	2 357	2 581	2 812	2 474	2 557	2 542	1 998	961	870	-	1 021	43,3
	Total Membros	10 ⁶ USD	370	359	395	370	383	379	247	140	99	-	113	30,4
	Peso no Total	%	15,7	13,9	14,0	15,0	15,0	14,9	12,4	14,6	11,4	-	11,0	

Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre – ITC.

Nota: O indicador Total Membros inclui as trocas com Angola, Brasil, Cabo Verde, China, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste.

¹Índice= (Montante 2012/Montante 2002) *100; Base 2002=100. Calculado com base nos montantes não arredondados.

‘-’: valor não disponível

Numa primeira abordagem constata-se que as importações de Macau com origem no Mundo quase triplicaram de 2002 para 2012, tendência que foi seguida de perto pelas importações com origem no grupo de países do Fórum. Contrariamente, as exportações têm vindo a decrescer em ambos os casos.

Quanto à representatividade que os membros do Fórum assumem no total dos fluxos comerciais Macau-Mundo, é mais assinalada nas importações do que nas exportações. Para os anos mencionados, as importações provenientes dos países do Fórum representam sempre mais de 30% do total importado por Macau. Já a representatividade do mesmo grupo de países nas exportações da RAEM não vai além dos 15%.

Os gráficos 3 e 4 representam o contributo de cada membro para o total trocado entre Macau e o grupo de países que integram ao Fórum Macau.

Gráfico 3 – Peso de cada membro no total importado por Macau com origem nos países do Fórum 2012

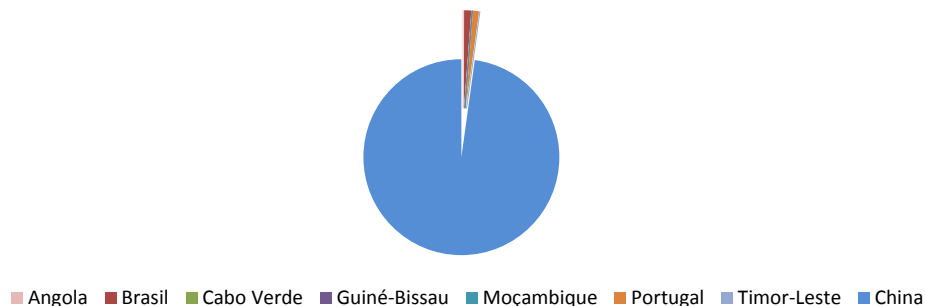


Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre - ITC.

Nota: Peso = Importação com origem em cada membro / Total importado com origem nos países do Fórum.

Total importado com origem nos membros do Fórum inclui as importações de Macau com origem em Angola, Brasil, Cabo Verde, China, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste.

Gráfico 4 - Peso de cada membro no total exportado por Macau com destino aos países do Fórum 2012



Fonte: A partir dos dados de base do International Trade Centre - ITC.

Nota: Peso = Exportação com destino a cada membro / Total exportado com destino aos países do Fórum.

Total exportado com destino aos membros do Fórum inclui as exportações de Macau com destino a Angola, Brasil, Cabo Verde, China, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste.

O comércio bilateral de mercadorias entre Macau e os membros do Fórum sino-lusófono é, em grande parte, da responsabilidade da China. A condição de soberana que exerce sobre Macau e a proximidade geográfica são as principais justificações apontadas para este facto.

Dada a escassez de informação para as trocas comerciais entre Macau e os países do Fórum, e as limitações que daí decorrem, não serão apresentados os cinco principais tipos produtos transacionados entre a RAEM e cada um dos parceiros.

Analisadas as trocas com cada um dos membros do Fórum na ótica da China e na ótica de Macau, resta fazer uma análise similar mas da perspetiva portuguesa.

4.3. COMÉRCIO DE MERCADORIAS DE PORTUGAL A FACE AOS PARCEIROS DO FÓRUM

A relação que liga Portugal e demais membros do Fórum Macau é bastante mais antiga que este mecanismo cooperativo. Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor-Leste partilham o estatuto de ex-colónias portuguesas. Também Pequim tem laços remotos com Portugal, por força dos quase quinhentos anos em que Macau, hoje Região Administrativa Especial de Macau, esteve sob soberania portuguesa. Mesmo depois de se terem tornado independentes face a Portugal, estes territórios continuam a partilhar a língua portuguesa enquanto língua oficial a par de outros dialetos e línguas.

A criação do Fórum Macau abre caminho a um estreitamento dos laços entre Portugal e restantes países de língua portuguesa que integram este mecanismo, permitindo-lhe ainda um acesso privilegiado ao mercado chinês.

O quadro seguinte é composto pelas balanças comerciais de Portugal em relação a cada um dos demais membros do Fórum Macau e à RAEM.

Quadro 8 – Balanças comerciais portuguesas face aos membros do Fórum e à RAEM
2003 a 2013

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Índice ¹ (2003=100)
(milhares de euros)												
Angola												
Importação (cif)	2 403	1 830	25 130	52 749	369 378	407 996	151 089	563 452	1 177 501	1 780 876	2 632 359	109 529,0
t.v.h.	-	-23,8	1 272,9	109,9	600,3	10,5	-63,0	272,9	109,0	51,2	47,8	
Exportação (fob)	651 699	671 061	803 029	1 210 189	1 684 325	2 261 264	2 242 450	1 905 671	2 330 055	2 990 805	3 112 624	477,6
t.v.h.	-	3,0	19,7	50,7	39,2	34,3	-0,8	-15,0	22,3	28,4	4,1	
Saldo (fob-cif)	649 296	669 231	777 899	1 157 440	1 314 947	1 853 268	2 091 361	1 342 219	1 152 554	1 209 929	480 265	
t.v.h.	-	3,1	16,2	48,8	13,6	40,9	12,8	-35,8	-14,1	5,0	-60,3	
Cobertura (fob/cif)	27 116,3	36 661,8	3 195,4	2 294,2	456,0	554,2	1 484,2	338,2	197,9	167,9	118,2	
Brasil												
Importação (cif)	660 607	857 529	984 355	1 232 969	1 381 192	1 363 316	887 528	1 046 500	1 461 906	1 368 693	831 917	125,9
t.v.h.	-	29,8	14,8	25,3	12,0	-1,3	-34,9	17,9	39,7	-6,4	-39,2	
Exportação (fob)	129 007	154 459	178 131	254 642	258 186	319 807	294 500	439 511	583 107	678 773	772 850	599,1
t.v.h.	-	19,7	15,3	43,0	1,4	23,9	-7,9	49,2	32,7	16,4	13,9	
Saldo (fob-cif)	-531 600	-703 070	-806 224	-978 327	-1 123 006	-1 043 509	-593 028	-606 989	-878 799	-689 920	-59 067	
t.v.h.	-	32,3	14,7	21,3	14,8	-7,1	-43,2	2,4	44,8	-21,5	-91,4	
Cobertura (fob/cif)	19,5	18,0	18,1	20,7	18,7	23,5	33,2	42,0	39,9	49,6	92,9	
Cabo Verde												
Importação (cif)	8 755	10 834	7 523	7 123	7 271	8 964	7 241	7 476	9 971	9 109	11 384	130,0
t.v.h.	-	23,8	-30,6	-5,3	2,1	23,3	-19,2	3,2	33,4	-8,6	25,0	
Exportação (fob)	136 749	139 658	148 822	189 713	227 950	257 539	222 707	262 590	253 786	215 750	203 219	148,6
t.v.h.	-	2,1	6,6	27,5	20,2	13,0	-13,5	17,9	-3,4	-15,0	-5,8	
Saldo (fob-cif)	127 995	128 824	141 299	182 590	220 680	248 575	215 466	255 114	243 815	206 641	191 836	
t.v.h.	-	0,6	9,7	29,2	20,9	12,6	-13,3	18,4	-4,4	-15,2	-7,2	
Cobertura (fob/cif)	1 562,0	1 289,1	1 978,2	2 663,5	3 134,9	2 873,0	3 075,5	3 512,4	2 545,3	2 368,5	1 785,2	
China												
Importação (cif)	371 507	458 611	568 942	773 203	1 063 431	1 342 004	1 114 669	1 578 287	1 499 722	1 374 707	1 367 833	368,2
t.v.h.	-	23,4	24,1	35,9	37,5	26,2	-16,9	41,6	-5,0	-8,3	-0,5	
Exportação (fob)	149 661	101 082	170 589	213 839	181 136	184 018	221 818	233 093	396 587	777 812	659 034	440,4
t.v.h.	-	-32,5	68,8	25,4	-15,3	1,6	20,5	5,1	70,1	96,1	-15,3	
Saldo (fob-cif)	-221 846	-357 529	-398 354	-559 364	-882 296	-1 157 987	-892 850	-1 345 194	-1 103 136	-596 895	-708 798	
t.v.h.	-	61,2	11,4	40,4	57,7	31,2	-22,9	50,7	-18,0	-45,9	18,7	
Cobertura (fob/cif)	40,3	22,0	30,0	27,7	17,0	13,7	19,9	14,8	26,4	56,6	48,2	
Guiné-Bissau												
Importação (cif)	1 897	791	996	1 164	508	580	1 376	389	261	39	184	9,7
t.v.h.	-	-58,3	25,9	16,8	-56,4	14,2	137,0	-71,7	-33,0	-84,9	367,7	
Exportação (fob)	16 968	17 818	24 078	27 067	34 532	40 401	33 466	42 772	64 249	71 473	70 268	414,1
t.v.h.	-	5,0	35,1	12,4	27,6	17,0	-17,2	27,8	50,2	11,2	-1,7	
Saldo (fob-cif)	15 072	17 027	23 081	25 902	34 024	39 821	32 090	42 383	63 988	71 433	70 084	
t.v.h.	-	13,0	35,6	12,2	31,4	17,0	-19,4	32,1	51,0	11,6	-1,9	
Cobertura (fob/cif)	894,7	2 251,7	2 416,3	2 324,8	6 795,6	6 960,4	2 432,3	10 992,4	24 662,0	181 587,0	38 167,6	

(cont.)

(milhares de euros)

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Índice ¹ (2003=100)
Macau												
Importação (cif)	2 125	2 019	744	852	755	679	350	481	231	376	686	32,3
t.v.h.	-	-5,0	-63,2	14,5	-11,3	-10,1	-48,5	37,5	-52,0	62,6	82,6	
Exportação (fob)	10 254	11 840	9 984	13 582	13 272	14 833	12 079	13 590	15 575	21 413	18 001	175,6
t.v.h.	-	15,5	-15,7	36,0	-2,3	11,8	-18,6	12,5	14,6	37,5	-15,9	
Saldo (fob-cif)	8 129	9 821	9 241	12 731	12 517	14 154	11 730	13 109	15 344	21 037	17 315	
t.v.h.	-	20,8	-5,9	37,8	-1,7	13,1	-17,1	11,8	17,1	37,1	-17,7	
Cobertura (fob/cif)	482,6	586,5	1 342,3	1 594,6	1 757,3	2 183,6	3 454,4	2 825,6	6 744,8	5 701,5	2 625,0	
Moçambique												
Importação (cif)	38 449	26 083	31 657	28 685	25 641	33 687	42 800	29 184	41 983	16 428	62 721	163,1
t.v.h.	-	-32,2	21,4	-9,4	-10,6	31,4	27,0	-31,8	43,9	-60,9	281,8	
Exportação (fob)	54 029	54 925	64 685	73 720	89 408	92 358	120 883	150 717	216 885	286 623	326 749	604,8
t.v.h.	-	1,7	17,8	14,0	21,3	3,3	30,9	24,7	43,9	32,2	14,0	
Saldo (fob-cif)	15 580	28 842	33 027	45 035	63 767	58 671	78 083	121 533	174 902	270 195	264 028	
t.v.h.	-	85,1	14,5	36,4	41,6	-8,0	33,1	55,6	43,9	54,5	-2,3	
Cobertura (fob/cif)	140,5	210,6	204,3	257,0	348,7	274,2	282,4	516,4	516,6	1 744,7	521,0	
Timor-Leste												
Importação (cif)	539	774	1 271	1 286	222	520	911	1 119	1 026	227	787	146,1
t.v.h.	-	43,5	64,3	1,1	-82,8	134,5	75,3	22,9	-8,3	-77,9	247,6	
Exportação (fob)	4 983	1 385	1 231	2 448	1 202	2 080	9 229	6 677	4 899	8 072	7 245	145,4
t.v.h.	-	72,2	-11,1	98,8	-50,9	73,0	343,7	-27,7	-26,6	64,8	-10,2	
Saldo (fob-cif)	4 444	611	-40	1 162	981	1 560	8 318	5 558	3 873	7 846	6 458	
t.v.h.	-	-86,2	-106,6	-2 993,5	-15,6	59,1	433,1	-33,2	-30,3	102,6	-17,7	
Cobertura (fob/cif)	924,3	179,0	96,8	190,4	542,7	400,3	1 013,4	596,6	477,4	3 563,4	920,2	

Fonte: A partir dos dados de base do INE.

Nota: Dados das importações e exportações arredondados às unidades.

Taxas de variação homóloga, cobertura e índice calculados com base nos dados não arredondados.

¹Índice= (Montante 2013/Montante 2003) *100; Base 2003=100

- : valor não disponível

Ao longo dos dez anos abordados, somente as balanças comerciais portuguesas face ao Brasil e à China apresentaram saldos negativos. Também a balança face a Timor-Leste apresenta saldo negativo, mas de forma pontual para o ano de 2005. Consequentemente, estes são os únicos casos em que a taxa de cobertura, do montante importado pelo montante exportado, não é total, apesar de se aproximar muito deste limiar para Timor-Leste (97%). Para as restantes observações, as taxas de cobertura são muito expressivas, atingindo valores entre 118 e 181.587%, este último verificado para a Guiné-Bissau em 2012.

Analisando comparativamente o montante de fluxos comerciais de Portugal face a cada um dos parceiros para os anos de 2003 e 2013 verifica-se que, à exceção das importações com origem na Guiné-Bissau e em Macau, houve um aumento em todos os casos, dos quais se destacam Angola, China, Brasil e Moçambique, como os que mais cresceram. As importações provenientes de Angola foram incrementadas 1095 vezes, e as exportações com destino a China, Angola, Brasil e Moçambique, cresceram 4, 5 e 6 vezes no mesmo período, respetivamente.

Em 2004, face ao período homólogo, registaram-se contrações nas importações portuguesas provenientes de Angola (-23,8%), Guiné-Bissau (-58,3%), Macau (-5,0%) e Moçambique (-32,2%), tendo aumentado percentualmente as importações com origem no Brasil (29,8%), Cabo Verde (23,8%), China (23,4%) e Timor-Leste (43,5%). Para o mesmo período, apenas as exportações portuguesas com destino à China decresceram (-32,5%), tendo crescido as exportações com destino a Angola (3,0%), Brasil (19,7%), Cabo Verde (2,1%), Guiné-Bissau (5,0%), Macau (15,5%), Moçambique (1,7%) e Timor-Leste (72,2%).

De 2012 para 2013, decresceram, em termos percentuais, as importações com origem no Brasil (-39,2%) e na China (-0,5%), tendo aumentado as importações com origem em Angola (47,8%), Cabo Verde (25,0%), Guiné-Bissau (367,7%), Macau (82,6%), Moçambique (281,8%) e Timor-Leste (247,6%). Por outro lado, verificaram-se contrações nas exportações com destino a Cabo Verde (-5,8%), China (-15,3%), Guiné-Bissau (-1,7%), Macau (-15,9%) e Timor-Leste (-10,2%), tendo sido incrementadas as exportações com destino a Angola (4,1%), Brasil (13,9%) e Moçambique (14,0%).

O quadro 9 reflete o peso das trocas comerciais agrupadas dos membros do Fórum Macau no total das trocas entre Portugal e o Mundo, para o período 2003-2013. A RAEM não integra a análise¹².

Antes de analisar os dados subsequentes, é pertinente salientar que além do Fórum Macau, Portugal integra um outro organismo cooperativo com os restantes países de língua portuguesa – a CPLP. Este facto influencia, certamente, as trocas comerciais entre Portugal e os restantes países do quadro lusófono.

Quadro 9 - % do comércio bilateral Portugal - Mundo pertencente aos membros do Fórum 2003 a 2013

		2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Índice ¹ (2003=100)
Importações	Mundo	44 441	49 260	51 379	56 295	59 927	64 194	51 379	58 647	59 229	56 166	56 589	127,3
	Total Membros	1 084	1 356	1 620	2 097	2 848	3 157	2 206	3 226	4 192	4 450	4 907	452,6
	Peso no Total	3,9	3,7	4,5	5,5	6,5	8,1	9,9	8,2	9,0	11,1	10,9	
Exportações	Mundo	29 260	30 920	31 137	35 640	38 294	38 847	31 697	37 268	42 828	45 259	47 369	161,9
	Total Membros	1 143	1 140	1 391	1 972	2 477	3 157	3 145	3 041	3 850	5 029	5 152	450,7
	Peso no Total	2,4	2,8	3,2	3,7	4,8	4,9	4,3	5,5	7,1	8,1	8,7	

Fonte: A partir dos dados de base do INE.

Nota: Dados das importações e exportações arredondados às unidades.

O indicador Total Membros inclui as trocas com Angola, Brasil, Cabo Verde, China, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor-Leste.

¹Índice= (Montante 2013/Montante 2003) *100; Base 2003=100. Calculado com base nos montantes não arredondados.

As importações conjuntas com origem na China e nos PLP do Fórum representavam 3,9% do total importado pela economia portuguesa, em 2003. Em 2013, este mesmo indicador ascendia a 10,9%. No que concerne às exportações, o peso dos parceiros no total exportado para o Mundo sofreu um incremento de 6,3 p.p. de 2003 para 2013.

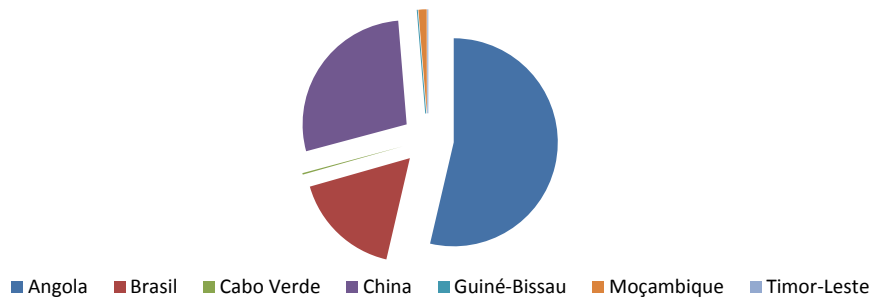
Importa destacar que, quer as importações quer as exportações lusitanas face ao grupo de parceiros do Fórum cresceram 4,5 vezes de 2003 para 2013. Já no que concerne ao montante de fluxos comerciais Portugal-Mundo, o crescimento registado foi apenas de 1,2 vezes para as importações e 1,6 vezes para as exportações.

Apesar de estes dados darem uma visão global e clara do comércio bilateral entre Portugal e o resto do Mundo que é da responsabilidade dos aliados do Fórum Macau, os mesmos não permitem diferenciar quais os intervenientes do mecanismo sino-lusófono que assumem maior relevância neste contexto.

Para colmatar esta lacuna, de seguida se apresentam os gráficos 5 e 6.

¹² A Região Administrativa Especial de Macau não integra a análise, uma vez que não é membro independente do Fórum Macau. O quadro apenas contempla as trocas comerciais com os membros do Fórum.

**Gráfico 5 – Peso de cada parceiro no total importado por Portugal do grupo Fórum Macau
2013**

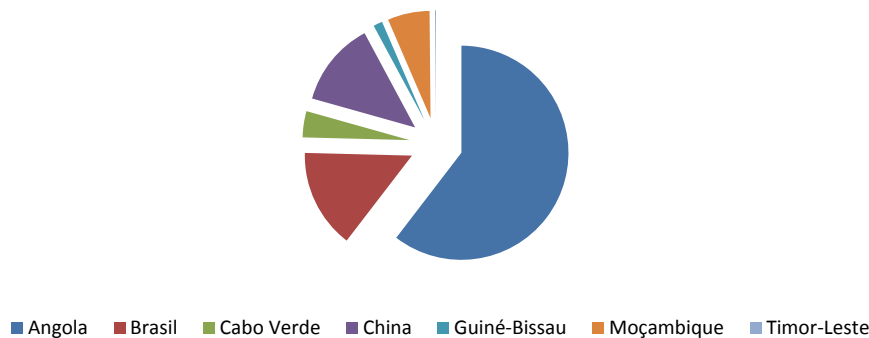


Fonte: A partir dos dados de base do INE.

Nota: Peso = Importação com origem em cada parceiro / Total importado com origem nos países do Fórum.

Total importado com origem nos membros do Fórum inclui as importações portuguesas com origem em Angola, Brasil, Cabo Verde, China, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor-Leste.

**Gráfico 6 – Peso de cada parceiro no total exportado por Portugal para o grupo Fórum Macau
2013**



Fonte: A partir dos dados de base do INE.

Nota: Peso = Exportação com destino a cada parceiro / Total exportado com destino aos países do Fórum.

Total exportado com destino aos membros do Fórum inclui as exportações portuguesas com destino a Angola, Brasil, Cabo Verde, China, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor-Leste.

Dos parceiros apresentados, Angola, China e Brasil são os que assumem maior destaque nas trocas comerciais portuguesas com o conjunto de países intervenientes no Fórum Macau. Na hierarquia seguem-se Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Timor-Leste.

Também Portugal parece ter mais interesse em economias mais dotadas em recursos e em franca expansão. A ordenação é muito semelhante à que se havia verificado para a República Popular da China, diferindo apenas na organização dos três primeiros. Enquanto o parceiro lusófono mais importante para a China é o Brasil, para Portugal a economia angolana é a que tem maior destaque.

Se, também neste caso, se assumir que, quanto maior o peso de cada parceiro nas trocas comerciais Portugal-Fórum Macau, maior a sua relevância para a economia portuguesa, então os motivos que suportam os laços bilaterais entre Portugal, China e ex-colónias serão muito semelhantes aos verificados para as relações sino-lusófonas. Posto isto, será feita uma breve referência às relações diplomáticas entre Portugal e os membros do Fórum e ao que Portugal procura em cada um destes países.

Do elenco de parceiros do Fórum, Angola é o que possui um peso mais expressivo nas trocas comerciais entre Portugal e o Fórum Macau. As relações diplomáticas entre estes dois países foram estabelecidas a 9 de março de 1976, alguns dias depois de o Governo Português ter reconhecido formalmente a

República Popular de Angola sob o Governo do MPLA. Todavia, estes laços viriam a ser cortados a 18 de maio do mesmo ano. Cerca de quatro meses depois, a 30 de setembro de 1976, as relações diplomáticas foram reestabelecidas e têm perdurado até à atualidade.

A economia portuguesa é dependente do exterior em termos de necessidades energéticas. Angola é rica em petróleo e diamantes. Uma parceria entre estas economias acarretaria benefícios mútuos. Portugal teria acesso facilitado a combustíveis fósseis e Angola teria uma porta para União Europeia, podendo explorar oportunidades de negócio.

Em Angola, Portugal procura precisamente combustíveis fósseis e diamantes. Para o mesmo território as exportações portuguesas são essencialmente de bens de consumo e construções.

A China é o segundo parceiro do Fórum Macau cujas trocas comerciais com Portugal apresentam maior destaque.

Estes dois países estão unidos pela história há quinhentos anos, quando Jorge Álvares chegou a território chinês (Macau). Apesar disso, apenas em 1979 foram oficialmente estabelecidas as relações diplomáticas entre ambos. Sensivelmente desde essa altura que a grande economia asiática tem apresentado uma expansão considerável. Este facto torna a China num país bastante atrativo para a internacionalização de empresas e para a captação de investimento.

Em termos de mercadorias, as importações portuguesas provenientes da China são essencialmente têxtil e calçado. As exportações, por sua vez, assentam em matérias-primas para a indústria chinesa, como minérios, madeiras ou pedras para construção.

Dos aliados lusófonos do Fórum Macau, o Brasil é o segundo que mais contribuiu para o total das trocas comerciais portuguesas com o grupo de países que integra o mecanismo cooperativo sino-lusófono.

As relações diplomáticas Portugal-Brasil não têm uma data exata. Sabe-se que o Governo Português reconheceu a República Brasileira em 1890. Este gigante da América Latina é bastante dotado em recursos naturais e energéticos, possui conhecimento avançado em áreas de alta tecnologia (como a aviação) e encontra-se em franca expansão. Daí que Portugal tenha todo o interesse, histórico e económico, em manter boas relações com o Brasil.

Deste território, Portugal importa essencialmente géneros alimentícios e produtos de alta tecnologia nos quais a indústria brasileira é especialista, e exporta alguns produtos alimentares, matérias-primas e produtos industriais.

Portugal reconheceu a soberania de Moçambique em 1975, justamente o ano em que este país foi proclamado independente. A guerra civil que se seguiu teve graves consequências neste território, a nível social, económico e de infraestruturas. Este país não possui recursos energéticos como Angola e Brasil, contudo possui uma grande variedade de recursos naturais e matérias-primas. Além disso, está a desenvolver esforços pela reconstrução das suas infraestruturas e habitações, dizimadas ao longo dos dezasseis anos de guerra civil. O comércio bilateral entre os dois países vai precisamente ao encontro destas premissas. As importações portuguesas provenientes de Moçambique são na sua maioria bens alimentares ou matérias-primas, como peixe, açúcar, tabaco ou algodão, enquanto as exportações são à base de maquinaria, equipamento elétrico ou veículos.

Segue-se na hierarquia a República de Cabo Verde. Como já tinha sido referido anteriormente, este arquipélago africano é muito pobre, a terra cultivável é muito pouca e a água é escassa, não conseguindo produzir o suficiente para fazer face às necessidades da sua população. Este facto torna Cabo Verde numa economia muito dependente do setor do turismo e das remessas dos imigrantes, obrigando-a a

importar quase tudo o que consome. A fraca contribuição deste arquipélago para o total das trocas comerciais entre Portugal e os membros do Fórum Macau é reflexo disso mesmo.

As exportações portuguesas com destino a estas dez ilhas do atlântico são à base de equipamento elétrico, maquinaria e alguns bens alimentícios. Quanto às importações, são essencialmente calçado, têxtil e recursos piscatórios.

Os últimos lugares do ranking de contributos para as trocas comerciais Portugal-Fórum pertencem a Guiné-Bissau e Timor-Leste. Ambas as economias têm um peso muito reduzido, quase nulo, no comércio bilateral entre a economia portuguesa e os membros do Fórum. O interesse português por estes territórios terá essencialmente a ver com a dotação em combustíveis fósseis que os caracteriza.

Portugal reconheceu a República da Guiné-Bissau em setembro de 1974. À semelhança de Cabo Verde, também a economia guineense é muito pobre e frágil, pelo que neste momento não fomenta grande interesse económico para Portugal. Contudo, recentemente foram mencionadas possíveis reservas de combustíveis fósseis neste território, pelo que num futuro próximo a relação entre as duas economias pode tomar outros contornos.

Apesar de muito reduzido, existe comércio bilateral entre estes dois países. Da Guiné-Bissau, a economia portuguesa importa minérios, madeira e maquinaria, e para lá exporta produtos refinados de petróleo, bebidas e produtos minerais.

Timor-Leste foi a última economia lusófona a conquistar a independência. Embora Portugal tenha deixado este território em 1974, o mesmo foi de imediato tomado pelas forças indonésias. Só em 2002, e volvidos vinte e oito anos de guerra e paz intermitentes, Timor-Leste foi proclamado independente.

As importações portuguesas com origem neste país são à base de café, têxteis e equipamento elétrico. Já as exportações dividem-se por equipamento elétrico, livros, bebidas e carne/peixe.

Neste contexto, parece não existir muito espaço nas relações bilaterais para o passado que liga Portugal e as ex-colónias. Pelo menos, este cunho histórico não se reflete totalmente na expressividade que as economias lusófonas assumem nas trocas comerciais portuguesas com o grupo de países intervenientes no Fórum Macau.

Para finalizar, é feita uma breve referência aos tipos de produtos mais trocados entre Portugal e os seus parceiros do mecanismo cooperativo sino-lusófono. O quadro sintetiza os cinco principais produtos importados e exportados por Portugal face aos restantes PLP do Fórum e à China.

Quadro 10 – Cinco tipos de produtos mais trocados por Portugal face a cada parceiro do Fórum,

2013

	Importação*			Exportação**		
	NC4	Descrição	10 ³ Euros	NC4	Descrição	10 ³ Euros
Angola	2709	Óleos brutos de petróleo	2 596 393	2203	Cervejas de malte	123 226
	2710	Óleos de petróleo	18 328	9403	Móveis e suas partes	105 636
	2711	Gás de petróleo e hidrocarbonetos	13 123	2204	Vinhos de uvas frescas	93 821
	9101	Relógios de pulso, etc.	673	7308	Construções e suas partes	89 549
	4403	Madeira em bruto	552	3304	Medicamentos	73 350
			Peso no total (%)	99,9		Peso no total (%)
Brasil	1201	Soja, mesmo triturada	183 365	1509	Azeite de oliveira e suas frações	172 244
	2709	Óleos brutos de petróleo	158 804	7308	Construções e suas partes	36 892
	1005	Milho	147 536	2711	Gás de petróleo	33 724
	1701	Açúcares de cana	42 066	2603	Minérios de cobre	32 851
	8802	Veículos aéreos propulsão motor	35 479	0305	Peixes secos, salgados, etc.	29 445
			Peso no total (%)	68,2		Peso no total (%)

(cont.)

	Importação*			Exportação**		
	NC4	Descrição	10 ³ Euros	NC4	Descrição	10 ³ Euros
Cabo Verde	8517	Aparelhos telefónicos	75 982	2523	Cimentos hidráulicos	10 129
	8531	Aparelhos eléctricos de sinalização	59 816	1507	Óleo de soja	5 939
	4202	Arcas viagem, malas e maletas	36 956	3304	Medicamentos	5 113
	7210	Produtos laminados, folheado	33 807	7214	Barras de ferro ou aço	5 083
	7208	Produtos laminados, não folheado	33 221	0401	Leite e nata, não concentrados	4 703
		Peso no total (%)		17,5	Peso no total (%)	
China	6406	Partes de calçado	3 983	8703	Automóveis de passageiros	262 088
	6109	T-shirts, camisolas interiores, etc.	1 165	2515	Mármore, travertinos, etc.	40 086
	0306	Crustáceos, com ou sem casca	992	4704	Pastas químicas de madeira	39 515
	6203	Fatos, conjuntos, casacos, etc.	977	2603	Minérios de cobre	38 592
	6107	Cuecas, ceroulas, etc.	874	7404	Desperdícios e resíduos, de cobre	18 898
		Peso no total (%)		70,2	Peso no total (%)	
Guiné-Bissau	7204	Desperdícios, resíduos e sucata	74	2710	Óleos de petróleo	31 702
	4407	Madeira serrada ou fendida	32	2203	Cervejas de malte	4 737
	8443	Máq. e aparelhos impressão	9	2523	Cimentos hidráulicos	4 704
	8704	Veículos automóveis mercadorias	9	2204	Vinhos de uvas frescas	4 261
	8424	Aparelhos mecânicos	7	8704	Veículos automóveis mercadorias	1 024
		Peso no total (%)		71,4	Peso no total (%)	
Moçambique	1701	Açúcares de cana ou beterraba	39 447	7308	Construções e suas partes	15 844
	0306	Crustáceos, com ou sem casca	9 749	8429	Bulldozers, angledozers, etc.	14 646
	2401	Tabaco não manufacturado	9 680	8544	Fios e cabos e outros condutores	9 586
	5201	Algodão não cardado	1 393	9403	Móveis e suas partes	8 720
	7308	Construções e suas partes	1 011	4901	Livros, brochuras e semelhantes	7 980
		Peso no total (%)		97,7	Peso no total (%)	
Timor-Leste	0901	Café, mesmo torrado	697	4901	Livros, brochuras, etc.	1 199
	6306	Encerados e toldos, tendas, etc.	70	8517	Aparelhos telefónicos	1 112
	8517	Aparelhos telefónicos	16	2204	Vinhos de uvas frescas	686
	8538	Partes de aparelhos da 8535 a 8537	4	8523	Discos, fitas, dispositivos de dados	493
	8534	Circuitos impressos	0	8537	Quadros, painéis, consolas, etc.	340
		Peso no total (%)		100,0	Peso no total (%)	

Fonte: A partir dos dados de base do INE.

Nota: Dados das importações e exportações arredondados às unidades.

*Importações de Portugal com origem em cada um dos parceiros do Fórum Macau.

**Exportações de Portugal com destino a cada um dos parceiros do Fórum Macau.

Quanto maior o peso dos cinco produtos mais trocados no total importado/exportado por Portugal, face a cada um dos restantes parceiros, maior a concentração das trocas. Isto é, um peso no total próximo de 100% indicará uma menor diversidade do cabaz de produtos que são comercializados. Assim, as importações portuguesas com origem nos restantes PLP e na China são menos diversificadas que as exportações com destino a esses mesmos países. Dos sete parceiros apresentados, Timor-Leste é a origem de onde Portugal importa um leque mais restrito de produtos. Contrariamente, Cabo Verde oferece a Portugal um cabaz de mercadorias para importação mais vasto, onde os cinco produtos mais importados representam apenas 17,5% do total.

Numa análise similar, efetuada para as exportações, a República de Cabo Verde volta a destacar-se. De todos os parceiros do Fórum, é para este que se verifica uma menor concentração dos produtos exportados, sendo que os cinco mais trocados representam apenas 15,2% do total das exportações Portugal-Cabo Verde. Menos diversificadas são as exportações com destino à Guiné-Bissau, com 66,1% do total exportado por Portugal alocado aos cinco principais produtos comercializados.

Apesar da ideia do Fórum Macau não ter partido de Portugal, este país é responsável pela existência do grupo de nações que hoje se conhecem por Países de Língua Portuguesa. Todos estes países partilham um passado: fizeram parte do império colonial português.

A República Popular da China, responsável pela criação do Fórum e membro do mesmo, não partilha do estatuto de ex-colónia portuguesa. A ligação da China com os PLP é feita através da Macau, este sim antigo território português. A localização privilegiada deste pequeno enclave permitiu à China criar uma espécie de ponte para as restantes nações lusófonas.

Portugal não soube aproveitar em tempo útil a soberania que exerceu sobre Macau durante quase quinhentos anos. A questão que se coloca é se apesar de tudo, Portugal tem tirado algum partido da existência do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, nomeadamente em termos de aproximação ao mercado chinês. Foi precisamente para dar resposta a esta pergunta que se levou a análise das trocas comerciais portuguesas um pouco mais longe. Como já foi referido, Portugal possui outro mecanismo cooperativo com as nações lusófonas, além do Fórum Macau, pelo que esta análise mais profunda foi realizada apenas para os laços bilaterais Portugal-China. O intuito é aferir se de 2003 (ano de criação do Fórum) a 2013, houve alguma alteração substancial da estrutura das importações/exportações portuguesas para a RPC, ao nível dos grandes grupos de produtos e dos dez tipos de produtos mais trocados.

Quadro 11 – Importações e exportações portuguesas face à China, por grupo de produtos

Grupos*	1000 Euros		Índice ¹ 2013 (2003=100)	Estrutura (%)	
	2003	2013		2003	2013
Total	371 507	1 360 494	366,2	100,0	100,0
Agroalimentares	22 768	98 200	431,3	6,1	7,2
Energéticos	2 328	2 487	106,9	0,6	0,2
Químicos	42 625	144 653	339,4	11,5	10,6
Madeira, cortiça e papel	11 622	15 040	129,4	3,1	1,1
Peles, couros e têxteis	42 307	126 822	299,8	11,4	9,3
Vestuário e Calçado	28 913	146 155	505,5	7,8	10,7
Minérios e metais	28 419	178 261	627,3	7,6	13,1
Máquinas	117 763	475 392	403,7	31,7	34,9
Material de transporte	5 796	41 850	722,0	1,6	3,1
Produtos acabados diversos	68 966	131 633	190,9	18,6	9,7
Total	149 661	659 034	440,4	100,0	100,0
Agroalimentares	3 341	17 681	529,3	2,2	2,7
Energéticos	6	1 503	26 749,9	0,0	0,2
Químicos	5 951	44 589	749,2	4,0	6,8
Madeira, cortiça e papel	14 140	85 133	602,1	9,4	12,9
Peles, couros e têxteis	3 290	36 540	1 110,7	2,2	5,5
Vestuário e Calçado	352	11 791	3 348,1	0,2	1,8
Minérios e metais	6 503	119 410	1 836,4	4,3	18,1
Máquinas	106 794	49 403	46,3	71,4	7,5
Material de transporte	1 440	274 838	19 082,1	1,0	41,7
Produtos acabados diversos	7 844	18 146	231,3	5,2	2,8

Fonte: A partir dos dados de base do INE.

Nota: Dados das importações e exportações arredondados às unidades.

¹Índice= (Montante 2013/Montante 2003) *100; Base 2003=100. Calculado com base nos valores não arredondados.

*Composição dos grupos de produtos no Anexo 1.

No ano de 2013, comparativamente a 2003, a hierarquia de importações portuguesas com origem na China não se alterou, continuando a ser o grupo “Máquinas” a contribuir com maior valor, em termos percentuais, para o total importado. Em termos de exportações, denota-se uma alteração significativa nos três grupos com maior peso na estrutura total. Assim, em 2003, o grupo “Máquinas” era o que mais pesava nas exportações portuguesas com destino à China (71,4%), seguido por “Madeira, cortiça e papel” e “Produtos acabados diversos”. Em 2013, a liderança estava a cargo do “Material de transporte”, ao qual se seguiam os grupos “Minérios e metais” e “Madeira, cortiça e papel” e onde apenas 7,5% do total exportado pertencia ao grupo “Máquinas”.

O quadro seguinte é composto pelos dez principais tipos de produtos, importados e exportados, por Portugal face à China, nos anos de 2003 e 2013. Também, neste caso, foi utilizada a Nomenclatura

Combinada a quatro dígitos. O objetivo é aferir se, à semelhança do que foi verificado para os grupos de produtos, houve alguma alteração na hierarquia e no montante dos produtos transacionados entre as duas economias de 2003 para 2013.

Quadro 12 – Dez principais tipos de produtos importados e exportados face à China

	2003			2013		
	NC4	Descrição	10 ⁹ euros	NC4	Descrição	10 ⁹ euros
Importações	8516	Aquecedores elétricos de água	17 903	8517	Aparelhos telefónicos, incluindo os telefones para redes celulares	75 982
	9503	Triciclos, trotinetas, carros	16 200	8531	Aparelhos elétricos de sinalização acústica ou sinal, e suas partes	59 816
	3806	Colofónias e ácidos resinicos, e seus derivados	11 483	4202	Arcas para viagem, malas e maletas, incluídas as de tocador	36 956
	8527	Aparelhos recetores para radiodifusão	10 530	7210	Prod. laminados planos, de ferro ou aço não ligado, folheados e chapeados	33 807
	4202	Arcas para viagem, malas	10 441	7208	Prod. laminados planos, de ferro ou aço não ligado, não folheados ou chapeados	33 221
	8471	Máquinas automáticas para processamento de dados e suas unidades	9 883	8471	Máquinas automáticas para processamento de dados e suas unidades	32 280
	8517	Aparelhos telefónicos, incluindo os telefones para redes celulares	9 578	8516	Aquecedores elétricos de água, incluídos os de imersão	30 981
	8521	Aparelhos videofónicos de gravação	9 239	8714	Partes e acessórios de motocicletas, bicicletas e outros ciclos	30 601
	305	Peixes secos, salgados ou em salmoura	6 205	5402	Fios de filamentos sintéticos, incluídos os monofilamentos sintéticos	28 858
	8534	Circuitos impressos	5 582	305	Peixes secos, salgados ou em salmoura	26 305
	Peso no total (%)	28,8		Peso no total (%)	28,4	
Exportações	8542	Circuitos integrados eletrónicos, e suas partes	83 251	8703	Automóveis de passageiros e outros veículos automóveis	262 088
	4501	Cortiça natural em bruto ou simplesmente preparada	4 820	2515	Mármore, travertinos, granitos belgas e outras pedras calcárias de cantaria	40 086
	8419	Aparelhos e dispositivos, mesmo aquecidos eletricamente	4 810	4704	Pastas químicas de madeira, ao bissulfito (exceto pastas de dissolução)	39 515
	2515	Mármore, travertinos, granitos belgas e outras pedras calcárias de cantaria	3 608	2603	Minérios de cobre e seus concentrados	38 592
	8409	Partes reconhecíveis como exclusiva e principalmente destinadas aos motores	3 463	7404	Desperdícios e resíduos, de cobre, assim como, obras de cobre	18 898
	8544	Fios e cabos, incluídos os cabos coaxiais, e outros condutores	3 343	5503	Fibras sintéticas descontinuas, não cardadas, não penteadas	15 514
	3304	Medicamentos (exceto produtos da posição 3002, 3005 ou 3006)	3 153	4703	Pastas químicas de madeira, à soda e ao sulfato (exceto pastas de dissolução)	15 063
	303	Peixes congelados (exceto filetes e outra carne de peixes da posição 0304)	3 122	2204	Vinhos de uvas frescas, incluídos vinhos enriquecidos com álcool	11 245
	4504	Cortiça aglomerada, com ou sem aglutinantes	2 843	2516	Granito, pórfiro, basalto, arenito e outras pedras de cantarias ou de construção	11 022
	4810	Papel e cartão revestido de caulino e de outras substâncias inorgânicas.	2 287	8536	Aparelhos para interrupção, seccionamento, proteção, derivação	10 846
	Peso no total (%)	76,6		Peso no total (%)	70,2	

Fonte: A partir dos dados de base do INE.

De 2003 para 2013, os dez principais produtos de origem chinesa importados por Portugal sofreram algumas alterações, tanto a nível da hierarquia como do montante transacionado, contudo continuam a ser, na sua maioria, aparelhos elétricos ou eletrónicos e o seu peso no total importado permanece cerca de 28%. Verifica-se, para 2013, uma maior representatividade dos “Aparelhos telefónicos, incluindo os telefones para redes celulares”, em detrimento dos “Aquecedores elétricos de água”, que ocupavam a primeira posição do ranking em 2003.

No ramo das exportações, as alterações são mais significativas. Dos dez tipos produtos mais exportados em 2003, apenas as “Mármore, travertino, granito belga e outras pedras calcárias de cantaria” se mantêm na hierarquia volvida uma década, onde ocupam a segunda posição. Para o primeiro ano apresentado, o pódio dos itens mais exportados pertencia aos “Circuitos integrados eletrónicos e suas partes”, seguindo-se a “Cortiça natural em bruto ou simplesmente preparada” e os “Aparelhos e dispositivos, mesmo aquecidos eletricamente”. Já em 2013, as exportações com destino à China eram lideradas pelos “Automóveis de passageiros, e outros veículos automóveis”, sendo a segunda e terceira posições ocupadas pelas “Mármore, travertino, granito belga e outras pedras calcárias de cantaria” e “Pastas químicas de madeira, ao bissulfito (exceto pastas de dissolução)”, respetivamente. Note-se, ainda, que o peso dos dez tipos de produtos mais representativos caiu 6,4 p.p. de 2003 para 2013, todavia continua superior a 70%. A comparação deste indicador entre importações e exportações aponta para uma maior diversidade de produtos exportados do que importados da China.

5. CONCLUSÃO

O legado lusófono deixado por Portugal, durante os quase quinhentos anos de soberania sobre Macau, permanece ainda bem marcado nos dias que correm, mesmo após a entrega deste território à República Popular da China, em 1999. A presença portuguesa deixou marcas a nível arquitetónico, económico, jurídico e social, que têm sido preservadas com grande afincamento pela China. Foi esta ligação privilegiada entre Macau e a lusofonia que deu o mote para a criação do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, a 13 de outubro de 2003.

Passados dez anos desde a criação deste mecanismo cooperativo, a questão que se coloca é se o mesmo terá honrado o propósito para que foi criado, isto é, se têm sido fortalecidas as relações bilaterais entre a RPC e os países de expressão portuguesa que integram o Fórum Macau.

A balança comercial da República Popular da China relativamente a cada um dos seus parceiros do Fórum Macau é-lhe favorável em quase todos os casos, exceto face a Angola e Brasil. São precisamente as trocas com estes dois países que assumem o maior destaque em termos de evolução, o que reflete uma aproximação clara da China a estas economias. Todavia, há que salientar que estes dois países partilham, além do Fórum Macau, vários outros mecanismos cooperativos com a China, o que dificulta uma perceção clara sobre as trocas comerciais que se devem ao Fórum e as que se devem a outras parcerias.

Quanto aos laços bilaterais de Pequim face a Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste, verifica-se um fortalecimento das relações bilaterais (favorável à China) para todos os casos, ainda que esta seja mais notável para os quatro primeiros países mencionados.

A Região Administrativa Especial de Macau assume, no contexto cooperativo sino-lusófono, um papel simbólico. As balanças comerciais entre este pequeno território e os membros do Fórum são, de certa forma, um reflexo deste papel, bem como da sua dependência económica face ao setor dos serviços. A análise realizada mostra que o comércio bilateral de mercadorias é nulo ou muito baixo face a países como Cabo Verde, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique e Timor-Leste.

Mais apreciável é o comércio externo com Brasil, China e Portugal. Existem várias justificações possíveis para este facto. As principais são: a dependência de Macau relativamente ao setor do jogo, a proximidade territorial e a condição de soberana da China sobre esta região, e a não autonomia em termos de política externa. De outro modo, o setor agrícola e o setor industrial de Macau são muito pouco representativos. Assim sendo, esta região importa quase tudo o que consome e exporta muito pouco, pelo que haverá um menor interesse em países mais distantes ou mais pobres (Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Angola, Timor-Leste e Moçambique). Por outro lado, a proximidade geográfica entre China e Macau, bem como a condição de RAEM sujeita à soberania chinesa, abrem caminho a um maior relacionamento bilateral entre estes dois territórios em detrimento dos outros membros do Fórum. Além disto, e apesar da autonomia que foi facultada a Macau, a política externa continua a ser competência da soberana China, fazendo deste território um entreposto entre os principais lusófonos e a China.

Apesar da iniciativa de criação do Fórum Macau ter partido da China, não é possível menosprezar o papel de Portugal no contexto do comércio sino-lusófono. Todos os membros que integram esta aliança cooperativa, com ressalva para República Popular da China, podem intitular-se de ex-colónias portuguesas, o que à partida favoreceria Portugal no contexto de comércio bilateral com estes países.

Efetou-se um exame geral dos fluxos de mercadorias existentes entre Portugal e cada um dos membros do Fórum e a RAEM, tendo-se concluído que, no decurso dos dez primeiros anos do Fórum Macau, Angola e China foram as origens para as quais o montante de importações mais cresceu. Por seu turno,

Brasil e Moçambique foram os clientes cujo montante transacionado mais se incrementou de 2003 para 2013. Estes quatro países são também os que assumem maior destaque na totalidade das trocas comerciais entre Portugal e o grupo de parceiros do mecanismo cooperativo sino-lusófono.

Posteriormente restringiu-se a análise aos fluxos comerciais portugueses face à China tendo por base quer os montantes totais das trocas, quer os grupos e os tipos de produtos transacionados.

No que concerne aos totais importados e exportados, a evolução entre 2003 e 2013, evidencia uma aproximação entre Portugal e China, uma vez que ambos os fluxos comerciais ampliaram os seus montantes.

Relativamente à estrutura dos grupos de produtos mais representativos para o total trocado, foram verificadas algumas alterações. O grupo “Máquinas”, que em 2003 representava a maior fatia do total exportado para a China, diminuiu drasticamente o seu contributo em benefício do “Material de transporte” e dos “Minérios e metais”. A estrutura das importações com origem na China permanece inalterada e continua, dez anos depois, a ser dominada pelo grupo “Máquinas”.

Em última análise, e atendendo aos tipos de produtos trocados, conclui-se que a tendência é em tudo semelhante à verificada para os grandes grupos de produtos. Os tipos de produtos mais exportados para a República Popular da China foram os que experimentaram as alterações mais significativas, quer em montante quer em hierarquia. No primeiro ano abordado, Portugal exportava para a China essencialmente “Circuitos integrados eletrónicos e suas partes”. Passados dez anos, os tipos de produtos que assumem maior destaque são os “Automóveis de passageiros” e os “Mármore, travertinos, granitos belgas e outras pedras calcárias de cantaria”.

A análise levada a cabo no presente estudo, está limitada pela escassez de dados que permitam aferir com exatidão qual o volume de trocas comerciais entre China e Países Lusófonos imputável à existência do Fórum Macau. Contudo, os indícios apontam para um maior benefício extraído pelo China face aos restantes intervenientes.

Apesar de o Fórum Macau ser um mecanismo multilateral, Pequim tem direcionado a sua abordagem mais para o fortalecimento dos laços bilaterais com os países de expressão portuguesa que integram o Fórum, nomeadamente nos casos em que esta relação era mais ténue no passado. Para a China, o Fórum foi um projeto bem concretizado que permitiu maximizar as potencialidades de Macau enquanto ex-colónia e daí retirar benefícios, tais como a aproximação privilegiada a países de expressão portuguesa ricos em recursos energéticos.

Quanto a Portugal, seria expectável que a existência de uma aliança como o Fórum Macau e o passado marcante que liga este país da Península Ibérica a Macau, Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e Timor-Leste trouxesse mais benefícios ao primeiro destes, quer na aproximação às ex-colónias, quer no acesso facilitado ao mercado chinês. Contudo, a análise efetuada aponta apenas para um ligeiro estreitamento das relações com alguns membros do Fórum, com especial destaque para a Angola e China.

No caso de Macau, parece mesmo haver um afastamento em termos de comércio bilateral de mercadorias. Este afastamento pode dever-se a dois motivos. O primeiro motivo respeita à entrega de Macau à soberania chinesa em 1999, facto que pode ter “arrefecido” a relação bilateral entre Portugal e o pequeno enclave oriental. O segundo motivo prende-se com a entrada da República Popular da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), a 11 de dezembro de 2001. A integração nesta organização exigiu um ajustamento e abertura do mercado chinês ao exterior. A China teve de reformar os seus sistemas de importação e exportação e do câmbio, bem como reduzir barreiras alfandegárias e medidas de proteção dos seus produtos, e limitar os incentivos à exportação. Antes da entrada da China na OMC,

grande parte dos fluxos de mercadorias Portugal-China eram feitos via Macau. Após 2001, e graças à maior abertura do mercado chinês, os fluxos comerciais entre Lisboa e Pequim passaram a ser feitos de forma direta, o que poderá explicar a redução dos montantes importados e exportados entre Portugal e Macau.

O relacionamento com China, Macau e as nações lusófonas do Fórum não reflete totalmente as potencialidades da economia portuguesa enquanto porta de entrada na Europa, nem reflete as potencialidades de Macau enquanto porta de entrada na China e no mercado do oriente.

Dez anos após a sua criação, o Fórum Macau “assume uma importância estratégica da China para a Lusofonia, num quadro de cariz mais político do que de valor económico, mas que promove Pequim como parceiro de referência”¹³. À boleia deste mecanismo cooperativo, a China conquistou não só parceiros na obtenção de produtos essenciais ao seu desenvolvimento, como o petróleo de Angola, como também investimentos importantes, tais como as participações na REN, na EDP e na Caixa Seguros em Portugal.¹⁴

Apesar da desigualdade de oportunidades que ainda se verificam para os vários membros do Fórum, este mecanismo de cooperação tem dado frutos que são benéficos a todos os intervenientes.

¹³ PE Probe, <http://www.peprobe.com/pt-pt/new/prchina-forum-macau-como-ponta-de-lanca-da-china-na-lusofonia>
¹⁴ PE Probe, <http://www.peprobe.com/pt-pt/new/empresas-chinas-entram-em-portugal-a-boleia-das-privatizacoes>
PE Probe, <http://www.peprobe.com/new/portuguese-president-eyes-stronger-portugal-china-ties>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, A. (2008), “China’s Lusophone Connection”, Africa Report n.º 2.
- Alves, A. (2005), “Macau: Uma ponte entre a China e os países africanos de língua oficial portuguesa”, Administração n.º69, Vol. XVIII, 3ª edição, 1163-1173.
- Barros, J. A. (2012), Intervenção no Seminário sobre a “Cooperação económica e comercial entre Guangdong, Macau e Portugal”.
- Chichava, S. (2008), “Mozambique and China: from politics to business?”, Instituto de Estudos Sociais e Económicos, Discussion Paper n.º 05/2008, disponível em http://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_05_MozambiqueChinaDPaper.pdf
- Chung, T. and Tieben, H. (2009), “Macau: Ten years after the Handover”, Journal of Current Chinese Affairs, 38, 1, 7-17.
- CIA, The World Factbook, disponível em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>
- Edmonds, R. L. and Yee, H. S. (1999), “Macau: from portuguese autonomous territory to China Special Administrative Region”, The China Quarterly, 160, 801-817.
- Fórum Macau - www.forumchinapl.org.mo
- Horta, L. (2008), “China’s relations with Mozambique: a mixed blessing”, Center for Strategic & International Studies.
- Instituto Internacional de Macau (2009), “Macau e as relações económicas China/países de língua portuguesa: 1999-2009 – Dez anos de crescimento”, 1º edição.
- Instituto Nacional de Estatística - www.ine.pt
- International Trade Centre - www.intracen.org
- Matias, J. C. (2009), “Macau, China and the Portugueses Speaking Countries”.
- Mendes, C. A. (2013), “A relevância do Fórum Macau: o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa”, Nação e Defesa, n.º134-5ª série, 279-296.
- Pereira, B. F. (2006), “Relações entre Portugal e a República Popular da China”, A Ressurgência da China.
- Pereira, S. B., “Perspetiva portuguesa do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa”.
- Rodrigues, H. “A afirmação da China em África e a utilização de Macau como plataforma de aproximação aos países lusófonos”, Centro de Estudos Sociais.
- San, C.S. (2006), “Rationales and options for economic diversification in Macao”, Monetary Authority of Macao.
- Serra, E.G., “Considerações sobre os impactos da entrada da China na OMC”.

United Nations (2010), International Trade Statistical Yearbook 2009, Vol. II – Trade by commodity, disponível em <http://comtrade.un.org/pb/WorldTables.aspx?y=2009>

United Nations (2012), International Trade Statistical Yearbook 2011, Vol. II - Trade by commodity, disponível em <http://comtrade.un.org/pb/WorldTables.aspx?y=2011>

United Nations (2013), International Trade Statistical Yearbook 2012, Vol. II - Trade by commodity, disponível em <http://comtrade.un.org/pb/WorldTables.aspx?y=2012>

“EU, US and China together account for half of world GDP”, Eurostat News release 69/2014, disponível em http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/2-30042014-DP/EN/2-30042014-DP-EN.PDF

“China: Trade with Portuguese-speaking countries booming”, Portugal Economy Probe, disponível em <http://www.peprobe.com/new/china-trade-with-portuguese-speaking-countries-booming>

“China deseja ‘elevar as relações com Portugal para um novo patamar’”, disponível em <http://www.peprobe.com/pt-pt/new/china-deseja-elevar-as-relacoes-com-portugal-para-um-novo-patamar>

“PR/China: Fórum Macau como ponta de lança da China na Lusofonia”, Portugal Economy Probe, disponível em <http://www.peprobe.com/pt-pt/new/prchina-forum-macau-como-ponta-de-lanca-da-china-na-lusofonia>

“Empresas chinesas entram em Portugal à boleia das privatizações”, Portugal Economy Probe, disponível em <http://www.peprobe.com/pt-pt/new/empresas-chinas-entram-em-portugal-a-boleia-das-privatizacoes>

Entrevista ao Presidente Aníbal Cavaco Silva, de 9 de maio de 2014, antes da visita de Estado à China, disponível em http://news.xinhuanet.com/english/indepth/2014-05/09/c_133322609.htm

Anexo I

Definição do conteúdo dos Grupos de Produtos

Grupos	Capítulos da NC
Alimentos	01 a 24
Energéticos	27
Químicos	28 a 40
Madeira, cortiça e papel	44 a 49
Peles, couros e têxteis	41 a 43, 50 a 60, 63
Vestuário e calçado	61, 62, 64 a 67
Minérios e metais	25, 26, 71 a 83
Máquinas	84, 85
Material de transporte	86 a 89
Produtos acabados diversos	68 a 70, 90 a 99